

Director, editor e proprietário:
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

VÁRIA

EM FÉRIAS a «variá»...

Como advertência ao problemático leitor ingénuo — e servirá de introito — o subtítulo a «variá» é aplicado no estrito sentido com que entre nós se designa a excitação do doente quando, nos agudos acessos febris, começa a fazer gestos desconexos e a proferir palavras incoerentes e alucinadas. O morbo seneo se não dispensa a assistência clínica, mais como piedoso conforto, em muito requer a intervenção do psiquiatra, cujo âmbito de acção se alarga dia a dia em proporção espantosa — verdade seja. Dizer «em férias» o trabalhador incapacitado, o operário sem reforma e aposentação, o artista insatisfeito e decaído, é pungência de sarcasmo; quanto ao resto... Esse estado vem de há muito. Desde o fim da primeira grande guerra, a de 14-18, quando os vencedores, logo vencidos por si próprios, criminosamente — é o termo — faltaram ao compromisso de honra tomado com todos quantos se bateram, em princípios fundamentais que arderam e iluminaram o heroísmo do sangue generoso, voluntariamente sacrificado para se formar e consolidar uma «civilização humana». O melhor da mocidade espiritual da França, que nunca mais o voltou a ser. E logo se foi acentuando, umas vezes hilaresco ao ver, em nome da moral ofendida, arrancar do peito de um romancista a insignia honrosa com que, por seu mérito, fora condecorado, por um romance em que retratava uma grave doença social, alastrando como epidemia corrosiva, da mocidade, como se ocultá-la bastasse a combatê-la... Outras dramáticas. A tragédia mesmo, à moda grega, como essa do culto do sol-

dato desconhecido. A vítima. Outra vez sacrificada, em morte, ao tripudío de todos os mesmos males que, para libertação humana, a levaram a combate, mas exacerbadas a mais não. E veio a outra guerra, com a intervenção dos seus já famosos industriais e gaudío espectador de futuros novos ricos, que por aí estão, mais ricos e mais sabidos — saber já de experiência feito — que os antecessores. E veio novamente outra falsa paz e... o folhetim contínua, como os rocambolescos... Até que, ai de mim, cheguei a isto. Uma triste miséria de confusão mental... Claro que, como sempre que se tem macaquinhos no sótão, penso e digo que são os outros. Bem. Com certeza não tenho razão. Assim seja. Mas que qualquer coisa de muito grave se passa na bola do mundo neste mundo da bola — isso passa. Estado que piora, já sem escala, dia a dia. Talvez nem seja possível prosseguir a doença, contraditoriamente diagnosticada — mal n.º 1 e mal n.º 2 — sua evolução normal até à salvação ou à morte. Com o espantoso incremento que assumiu a ciência de matar, os novos e eminentes sábios do assassinato e destruição, com suas experiências, e os novos técnicos, industriais dessa nova ciência, já começaram com suas experiências, o que se chama o fim do mundo. De que, dia a dia, a humanidade está sendo envenenada — o termo não tem precisa exactidão —, só restará dúvida a quem for parvo, ou fingir. Como aduzi-lo, não sei. Mas o que juro é que, nesse ponto, quem «variá» não sou eu. Infelizmente. O resto fica para amanhã que também é dia, se...

O Estudante nosso protegido vai ser internado em Lisboa

Foi há tempos aberta nas colunas do nosso jornal a subscrição em favor de um estudante pobre, que necessita ser internado num hospital de Lisboa, para ali ser submetido a um tratamento melindroso e demorado, para corrigir um defeito físico de que sofre. Essa subscrição atingiu a soma de Esc. 2.015\$00, conforme se noticiou oportunamente, ao registarem-se os nomes dos numerosos subscritores. Independentemente do produto desta subscrição surgiu, em dado momento, a promessa de auxílio de vários clubes rotários do país, nomeadamente dos de Lisboa, Porto, Alcobaca e Braga, o que já não foi necessariamente utilizado por virtude de, entretanto, se ter conseguido, e isto devido a bons esforços empregados pela professora Senhora Dona Ana Vitor Aguiar Branco Pires, junto do Senhor Subsecretário da Assistência, que o nosso protegido, sr. João da Costa Mardureira Júnior, de Vizela, e que tem frequentado a Escola Comercial e Industrial de Guimarães, seja internado no Hospital de S. João, em Lisboa, onde vai ser opera-

REUNIÃO DE CURSO

Na bela Estância da Penha, realizou-se na 4.ª feira, a reunião do Curso Teológico de que fazem parte o actual Bispo da Diocese da Guarda e nosso ilustre conterrâneo Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, que presidiu aos actos religiosos celebrando a Santa Missa no Santuário Eucarístico, e o Rev.º Monsenhor António de Castro Monteiro, Reitor do Seminário Auxiliar da Diocese. Seguidamente teve lugar no Hotel da mesma Estância, um almoço de confraternização a que presidiu o Prelado, reunindo-se cerca de 20 antigos condiscípulos. do com a assistência do ilustre cirurgião Doutor Rodó. Queremos, a propósito, louvar a atitude tomada por diversos médicos que fazem parte do Rotary Clube do Porto, e isto por iniciativa do sr. Dr. Luís Carvalhais, os quais se ofereceram para tomar à sua conta o tratamento do doente, num dos hospitais do Porto. Este, mais uma manifestação, eloquente, de solidariedade humana, dada por rotários que são, no presente caso, clínicos muito distintos da capital do Norte. O nosso protegido, a quem já fizemos entrega do produto da subscrição que abrimos, segue agora para Lisboa e pede-nos que sejam nossos intérpretes do seu reconhecido agradecimento a todas as pessoas que concorreram para minorar o seu sofrimento. Ao seu agradecimento juntamos o nosso, visto que uma vez mais pudemos ver coroados de êxito os nossos esforços.

Honra

*Que bonito é ser honrado,
Ter um nome respeitado
No meio de toda a gente,
Ser calmo, sóbrio, modesto,
Para assim, com modo honesto,
A todos olhar de frente!*

*Dizem que os tempos mudaram...
Mas nisto os homens erraram
Numa aventura medonha,
Pois não há melhor ciência
Do que a paz da consciência,
E o que falta... é vergonha!*

*Aqui fica este conselho,
Não é novo, nem é velho,
Não conta com ele a idade:
Que o verdadeiro caminho
É segui-lo direitinho,
Tão cheio de claridade!...*

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

ECOS

Corforme prometemos no último número deste jornal, de novo vimos apontar o que em nosso entender julgamos útil a bem da Terra e em benefício da Grei Vimaranesa. Um assunto sério e de grande valor é o turismo. A cidade de Guimarães é um centro de turismo privilegiado, que precisa de ser devidamente dotado dos requisitos necessários, para assim oferecer aos visitantes a guarida e o acolhimento conveniente, de molde a ser considerado um lugar temporário de fixação e não um ponto de passagem. Não avaliamos ainda o valor importantíssimo que representa para a economia local a afluência turística que, atraída pela rara característica deste milenário burgo, pela sua história, pelos seus monumentos e museus, pela sua indústria, pelos encantos surpreendentes da Montanha da Penha e pelas já famosas Festas Gualterianas, aqui vem, sem contudo possuímos con-

dições bastantes para a receber. Há, portanto, urgente necessidade de suprir essas insuficiências, começando pela instalação dum hotel. Basta para isso completar as obras do magnífico Palácio de Vila Flor, já iniciadas com esse objectivo. Reune este edifício as condições próprias, tanto pelo seu estilo arquitectónico como pelos belos jardins que possui, para se transformar no hotel que a cidade precisa, dentro daquela índole, amoldada ao ambiente castiço do nosso meio, que não se coaduna com audácias futuristas das construções modernas, e ofereceria ao turista uma singular e original tentação de estadia. Assim se resolveria na cidade a deficiência de hospedagem, que tanto embaraça e prejudica o movimento dos visitantes.

GAZETILHA

A mangueira...

*Deambulei pela cidade,
à cata de novidade,
p'la fresquinha matinal;
— e quedei, em meu caminho,
à beira do Molarinho,
do seu belo pedestal...
Na sua estátua jacente
ali mora, tristemente,
o sublime Gravador:
— como um painel das «alminhas»
pede vossas, preces minhas,
na eterna fé do Senhor!...
Já passara para a Praça,
cheia de encanto e de graça,
a Rosinha dos limões:
— e soara a Ave-Maria
na torre da sinfonia,
do tal hino... a prestações...
E estava eu congemnando,
na má-língua trabalhando,
ribombou surdo trovão;
— e à luz do sol, tão fecunda,
farta pôjeira me inunda,
abraçando o meu pulmão!...
As pombinhas, assustadas,
buscavam suas pousadas,
em doldejantes volteios:
— e, no sombrio arvoredo,
os passarinhos, com medo,
abafaram seus gorgeios!...
... Para os lados da «Económica»
explodira a bomba atómica,
dali esticando a poeira:
— que, num rasto colossal,
cingia todo o Toural,
a clamar... pela mangueira!...
E essa esquiva apareceu
porque, entretanto... choveu!...*

Na Penha, a mesma insuficiência relativa a hospedagem se nota, e é também imperativa a necessidade de a resolver. A construção dum hotel, ou mais preferível dum pitoresca e vasta pousada, onde a comodidade, o conforto e o bom gosto fossem o convite mais tentador e a atracção mais alicante a uma amena e temporária detença, do que o luxo de um «palace», empertigado dum riquíssimo balofo e milionaresco, que só serve uma classe restrita, a minguar em número e a estiolar-se, em razão do clima, progressivamente adverso e impróprio à sua manutenção e existência. Assim se substituiriam as deficientíssimas pensões que a Penha actualmente possui — o hotel existente baixou para o posto de pensão — as quais não estão à altura do desenvolvimento turístico que esta estância de repouso e recreio hoje tem, e nem garantem o auspicioso futuro que a aguarda logo que se efective o que se projecta fazer, dotando-a com os indispensáveis requisitos de distração e de divertimento, de forma a transformar a Montanha num lugar ideal para férias, que a sua altitude, o seu espaço e o seu clima tanto convidam e namoram.

Altar de Aljubarrota

Trofeu de Batalha ou voto de Milagre?

Um dia — foi em 1925 — pronunciou-se sobre a origem do tríptico que se guarda no Museu Alberto Sampaio o dr. José de Figueiredo. Assim discorreu a suma autoridade deste crítico de arte: «A impossibilidade de ser essa peça espanhola dava-no-la a sua técnica e o seu sentimento, tão diferentes do sentimento e técnica dos artistas daquele país nessa época. E isto leva-nos à conclusão de não poder ter sido essa peça, como se dizia, tomada em Aljubarrota por D. João I de Portugal, a D. João I de Castela; e tanto mais quanto o traje de um dos personagens desse tríptico é característico do segundo quartel do século XV e, portanto, posterior em muito àquela batalha». Prosseguindo, diz o ilustre escritor: «Procuramos por isso estudar como se tinha formado aquela tradição e as bases em que ela assentava. E o resultado a que chegamos veio, por esta parte, dar-nos igualmente razão. A tradição, criada no começo do século XVIII por P.º António Carvalho da Costa, na sua *Corografia*, tirou-a ele mesmo do manuscrito, então inédito, do P.º Torquato Peixoto de Azevedo, (*Mem. Ressuscitadas da Antiga Guimarães*) que, pronto para ser publicado em 1692, só apareceu a público em 1845». «Foi este, portanto, assim, e não aquele quem, na verdade, primeiro refutou a afirmação de Gaspar Estação (1625), que diz ter sido o tríptico tomado após a batalha...». Finalmente, José de Figueiredo apoiado em pontos de vista de arte e mais no inventário de 1527 — o tal inventário da Colegiada, que diz ter sido o referido tríptico feito da prata oferecida por D. João I, correspondente ao peso do seu corpo —, conclue pela afirmação de que, a tradição, é falsa. Houve da parte dos escritores vimaranenses algum que viesse contestar aquilo que este crítico de arte escreveu, em 1925, na Revista de Estudos Portugueses, a *Lusitânia*, (Fasc. 8.º pag. 167)? Não houve. Não aludindo nenhum deles ao caso, aceitaram alguns, pelo que escreveram, o parecer do douto escritor. Tenho observado que, o parecer de José de Figueiredo é aquele que anda na baía, sempre que se quer opor dúvida, se não hostilidade, à tradição que diz — ter sido o altar tomado em Aljubarrota aos Castelhanos. Faltariam aos escritores vimaranenses elementos para contrapor às *aparentes razões* de José de Figueiredo? Se eles os procurassem, encontravam-nos. O caso é este: Há nomes que pesam tanto no conceito público, têm um tal domínio de persuasão nos arraiais do saber alheio, que, as suas opiniões, são ponto de fé. Aceitam-se, sem se analisarem, sequer. Porquanto — «O mestre disse!» Borbulhem embora no cérebro de certas criaturas ideias e objecções contrárias; mas todas as congeminações se quedam, se abatem, perante o consabido — «Mestre disse!» Poucos anos depois de José de Figueiredo se haver pronunciado contra a tradição que anda ligada ao tríptico notável, foi criado o Museu Alberto Sampaio. Junto do tríptico memorável, o Director do Museu, sem hesitar, colocou a legenda: — *Altar Castelhana de Aljubarrota*. Nesta legenda, a *origem castelhana* não tem reticências, condicionais, dúvidas. A legenda é, formalmente, perentoriamente, pela tradição. Ao dogmatismo de José de Figueiredo, se opõe o dogmatismo da legenda do Museu. Simplesmente, vai uma diferença entre as duas atitudes contraditórias. Mantém a tradição a legenda do Museu e mantém-na os «Guias», os «Rotelros», que se escrevem para serem lidos pelos turistas. Mas nem todos acreditam naquilo que se diz e pretende manter, por «voz e fama». Com efeito, muitas coisas que a tradição pretende fazer crer como *verdade histórica*, não passam de convencionais patranhas. A História está recheada de *generosas*

Imposto Complementar

Por despacho do Ex.º Sr. Subsecretário do Estado do Tesouro de 5 do corrente mês foram mandados arquivar os autos levantados pelo sr. Chefe da Secção de Finanças deste conselho em Junho deste ano contra numerosos contribuintes passíveis de imposto complementar, por falta de apresentação do modelo n.º 2, previsto pelo artigo 14.º, do decreto n.º 40.788, de 28 de Setembro de 1956. As multas aplicadas chegavam a atingir individualmente 25.000\$00 e no total mais de 200 contos. Os autuados solicitaram do Ex.º Ministro das Finanças o arquivamento dos referidos autos, pois a falta de apresentação do modelo n.º 2 não passava de uma omissão involuntária, que de modo nenhum justificava a aplicação de tão avultadas multas pecuniárias. A justa decisão do Ex.º Sr. Subsecretário de Estado do Tesouro foi, por isso, acolhida com viva satisfação no meio vimaranense.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Na última reunião da Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários foi deliberado levar a efeito um ciclo de conferências culturais, desde Outubro p. f. até Março do ano próximo, convidando para isso diversos oradores desta cidade e de outras localidades. No decorrer dessa reunião foram tomadas outras deliberações e exarado na acta um voto de pesar pelo falecimento da s.ª D. Maria Guilhermina Ribeiro de Faria, tia do membro da Direcção sr. António Faria Martins. Um nosso leitor assíduo pedenos solicitamos providências para o facto de nas proximidades dos lavadouros públicos do Campo da Feira, despejarem cascas de bananas, restos de comidas, etc. Além de isso revelar pouca limpeza e nenhuma observância do Código de Posturas, ocasiona desastres como ainda há dias se verificou e que deu origem a ferimentos no rosto de uma pessoa que teve de passar no local. Aqui fica o pedido, pois, para que se tomem imediatas providências.

NO TANQUE do Campo da Feira

Um padrão de glória

Com a devida vénia transcrevemos do nosso prezado colega «O Vilaverdense», o seguinte artigo da autoria do nosso ilustre Colaborador e amigo Prof. sr. Mário Meneses:

A ilustre Escritora e Jornalista, Sr.^a D. Isaura Correia Santos, escreveu um primoroso artigo num dos últimos números do «Notícias de Guimarães», no qual realçou a obra meritória e patriótica da insigne Benfeitora Senhora D. Maria Leonor Cochofel Mendes, a quem se deve a fundação do «Lar da Criança Portuguesa», modalidade de assistência que merece o maior carinho e a maior protecção. Nesse Artigo, cheio da mais pura sentimentalidade humana e da mais terna veneração pelas crianças que não conhecem os benefícios da sorte, a Senhora D. Isaura Correia Santos chama a atenção das Almas nobres e generosas para aquele simpático Apostolado da Caridade, onde actualmente se encontram albergadas cem crianças dos dois sexos e onde recebem a instrução de harmonia com a sua manifestada vocação, razão por que umas frequentam o ensino primário, outras o ensino liceal, outras o ensino comercial e industrial, ainda outras o ensino oficial, etc.

Por outro lado, não existem condições para a sua admissão, desde que, de facto, se trate de crianças pobres, uma vez que a situação da pobreza é o bastante para que as portas daquele Santuário do Amor do próximo se abram para as receber, sem a exigência da apresentação de documentos, de fiador e de enxoval. Ali, nada disso se torna necessário, o que mais valoriza a sua acção assistencial e mais cativante a torna perante a sublime virtude da Caridade, sucedendo ainda que só quando preparadas para enfrentarem a luta pela vida as crianças albergadas deixam de preencher vagas para serem substituídas por outras. Como se verifica, o «Lar da Criança Portuguesa», que se encontra instalado na rua de Nossa Senhora da Luz, Foz do Douro, constituiu um edificante Padrão de glória para a sua fundadora e Directora, que ficará ligado à imortalidade do seu nome, projectada nas futuras gerações que, com certeza, saberão compreender e apreciar a finalidade de tão destacada Obra de Misericórdia.

No entanto a luz radiosa dessa fulgurante iniciativa só poderá continuar a iluminar o caminho que se encontra aberto, desde que a generosidade humana lhe dispense a devida protecção material, concorrendo com a sua ajuda para a sua manutenção, onde os espinhos dos obstáculos e das dificuldades financeiras se acumulam dia a dia, como, aliás, sucede na quase totalidade das Instituições de Assistência. Quanto ao caso presente, respigo do citado artigo da Senhora D. Isaura Correia Santos, intitulado «Mas as crianças, Senhor, por que lhe dáis tanta dor!», o seguinte período: «Pode o leitor calcular as insónias dessa Senhora (refere-se à fundadora e Directora) que, por vezes, não tem um escudo no cofre do «Lar» e tem, forçosamente, que contrair dívidas e recorrer aos seus rendimentos, que muito já tem desfalcado em prol daquele grupo de crianças e adolescentes, que por aí vogariam ao sabor da desventurada desgraça, se não fivessem aquele recolhimen-

to onde se sentem em casa sua?!»

Dito isto, que mais será preciso dizer?

Que há, felizmente, quem chame a si as criancinhas para lhes dar conforto, alegria e felicidade!

MÁRIO MENESES.

UMA VISITA à Colónia Balnear Infantil do Sindicato N. da Indústria Têxtil

Em continuação duma louvável iniciativa, fez o Sindicato Nacional da Indústria Têxtil instalar em Vila do Conde, no edifício do antigo Colégio das Doroteias, a costumada colónia balnear infantil, constituída por 160 crianças, filhas dos associados, a qual se divide em dois turnos, um de rapazes e outro de meninas, que durante vinte dias cada ali se mantêm a beneficiar dos salutareos efeitos do mar.

E como já é de tradição e a convite do nosso prezado amigo sr. João M. Rodrigues Martins da Costa que exerce nesta cidade o cargo de Assistente Corporativo, e que tem sido devotado impulsor da simpática iniciativa, um representante do «Notícias de Guimarães» esteve na visita que à colónia balnear foi feita no último domingo por diversas entidades, e pelo que lhe foi dado observar todas as crianças se apresentam de óptimo aspecto, demonstrando bem não só os efeitos da estadia à beira-mar mas ainda a maneira como são tratadas e alimentadas.

Presidiu à visita o sr. Dr. António Aires dos Reis, Subdelegado do I. N. T., em representação do respectivo Delegado, e dela fizeram parte os srs. Presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde; João M. Rodrigues Martins da Costa; Severino Machado, José Dias Pereira, António José Pinto e Firmino de Faria, respectivamente presidente da direcção, secretário, tesoureiro e presidente da assembleia geral do Sindicato Têxtil, e ainda diversos representantes da Imprensa. Recebidos os visitantes pela irmã religiosa directora da colónia, percorreram estas as respectivas instalações, merecendo-lhes elogiosas referências o dormitório e a sala das refeições, pelo seu aseo. Seguidamente, numa sala apropriada, as meninas da colónia, pois os rapazes constituíram o primeiro turno e já dali retiraram, apresentaram um pequeno espectáculo, revelador da muita paciência de quem as preparou para ele. Antes, o sr. Severino Machado, em nome do Sindicato, proferiu algumas palavras de agradecimento pela presença dos srs. Subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho, Presidente da Câmara de Vila do Conde e dos representantes da Imprensa, salientando em seguida a preciosa colaboração da Câmara de Vila do Conde e das Irmãs de S. Vicente de Paulo e disse dos anseios do Sindicato para alargar mais a acção da colónia e da construção de um edifício próprio para a sua instalação.

O perigo das passagens de nível

No lugar do Monte Largo, da freguesia de Azurém, deste concelho, foi construído um bairro com cerca de 38 moradias, junto do qual passa a via férrea. Ora, na frente do mesmo bairro existe uma estrada de grande movimento, especialmente nesta quadra turística, pois dá ligação de S. Torcato à Penha, sem passar pela cidade, cuja passagem de nível, junto do bairro, numa curva da via férrea, sem visibilidade, sem qualquer guarda ou cancelas, constitui um grave perigo tanto para as pessoas como para os veículos que, mesmo parando, os seus condutores dificilmente se apercebem da aproximação de qualquer comboio ou automotora, agora com certa frequência.

Já por diversas vezes têm ali sido eminentes os desastres, devendo-se talvez à providência não se terem registado. Chama-se, pois, a atenção de quem sobre o assunto superintende, remediando um mal que a continuar assim, é esperar o desastre premeditadamente.

BRUTOS!...

Brutos! .. Riem de ti sempre que passas
Com teu vestido pobre, de riscado...
Há gente que ri só das desgraças
E não sabe, essa gente, que é pecado...

Se vestisses de seda, quantas graças
Te bajulava o monstro depravado...
Quantas palavras finas, doces, lansas,
Se passasses de rosto maquiado...

Moirejas sol a sol o pão da vida
P'ra ti, p'ra tua mãe, que, entorpecida,
A velha, já não pode fazer nada...

Trabalha, deixa-os rir do teu vestido,
Que é pobre, mas lavado, e é brunido...
Não te pintas, eu sei, mas és honrada.

Setembro de 1957.

DELFINO DE GUIMARÃES.

ECOS ADIDADO MILITAR E AERONÁUTICO

Continuação da 1.ª página

ro, é procurar a sua solução, a qual, acompanhada pela iniciativa pessoal, se lançariam as bases da indústria turística, de fartos e substanciais resultados, ainda por explorar entre nós, quando possuímos tão abundante, rara e primorosa matéria prima!

«Paisagem, sim, temos para dar e vender. Só paisagem podemos oferecer, mas paisagem só não chega. O resto é o que a indústria de turismo tem de criar, de fabricar do Norte ao Sul do país: hotéis, pousadas, restaurantes, piscinas, festivais, divertimentos...

A paisagem tem de ter os seus pontos de observação, nas praias ou nas montanhas, que não podem ser apenas locais desertos e inspidos, antes sim, além de bons hotéis ou pousadas, devem-se organizar festivais de teatro, de forclor, de balet, de cinema, tudo o que possa tornar essa paisagem mais alicante, mais civilizada, mais culta.

A França fez do turismo uma das suas grandes indústrias, precisamente porque soube organizar e explorar.

O Turismo hoje já não é para nós uma expressão vaga, mais lírica do que real, sim antes uma fonte de riqueza da vida nacional e até uma medida por onde podemos aferir o nível de vida do nosso povo».

(Transcrevemos com a devida vénia do «Jornal de Notícias» de 12 do corrente, estes trechos do artigo «Turismo», da autoria do ilustre jornalista dr. Ramos de Almeida).

Neste admirável artigo, parcialmente transcrito, mostra-nos o seu autor, o real valor do turismo e o que é necessário fazer, para dele colhermos os seus abundantes frutos, para bem de todos.

Ainda não é suficiente o meio de transporte para a Penha. Caro e raro, afugenta muitas pessoas, que constantemente visitaríamos a estância e dela fariam um local admirável de recreio, se esse meio de transporte fosse mais rápido, abundante e económico.

Um trolley-bus, por exemplo, que percorresse o triângulo composto pelas três vias de acesso hoje existentes, oferecendo assim ao turista estrangeiro e nacional um meio ideal para admirar a maravilhosa e variada paisagem, que se desdobra em encantos surpreendentes através dos seus percursos.

Era à C. P., que a exploração dessa via de alto interesse turístico e regional deveria ser consignada, como do mesmo modo, deveria possuir todos os meios de transporte em rodovia, para melhor servir o interesse público.

Sem meios de comunicação acessíveis e cómodos, não é possível desenvolver-se devidamente o turismo.

Há pouco tempo ainda, um visitante indagava, admirado e surpreendido, se vendiam as cutelarias de Guimarães e que tinha empenho em adquirir!

Estranho que pareça este caso, há de facto no comércio local, uma lacuna que não deixamos de apontar.

Falta um estabelecimento-bazar que se dedique ao comércio de recordações, apresentando os primores da variada e profusa indústria concelhia, tanto mecânica como caseira; desde as cutelarias finas aos utensílios de menage; desde as bijuterias aos brinquedos plásticos, objectos de fantasia, olarias,

à embaixada de Portugal em Washington

Foi nomeado para o desempenho das funções de adido militar e aeronáutico à embaixada de Portugal em Washington e de representante militar junto da nossa embaixada em Otava, o nosso ilustre conterrâneo sr. tenente-coronel do Corpo do Estado Maior João de Paiva de Faria Leite Brandão.

Possuidor de larga e brilhante folha de serviços, o sr. tenente-coronel Paiva Brandão é deputado à Assembleia Nacional, pelo círculo do Porto na actual legislatura, e possuidor de muitos louvores e condecorações.

O sr. tenente-coronel Paiva Brandão seguiu ontem, por via marítima, para Washington, no navio «Olimpia» que largou às 10 horas do cais de Alcântara.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos, felicitando-o com os melhores votos de muitas prosperidades.

pratas, tecidos de seda e algodão, malhas, colchas, artigos de lá, etc., um sem número de coisas que o visitante gosta sempre de comprar, se as expõem de forma a despertar-lhe a atenção e o desejo de as possuir.

Sómente e bem fornecido se encontra o comércio de linhos e bordados, do restante, ainda se repetirá o caso de ser necessário perguntar, aonde se vendem as afamadas cutelarias de Guimarães!

Quantos casos poderíamos ainda apontar, em reforço do que opinamos, para demonstrar a necessidade de se tratar com o maior entusiasmo e afinco do turismo entre nós, já que a natureza, o tempo e a história, nos dotou com tantos e variados motivos de atracção e de belezas sem par.

Fomos testemunha num fim de tarde, da fascinação e assombro dum turista francês, perante um maravilhoso caso visto da Penha. Toda a gama de cores do arco iris, vivas, brilhantes, se tinham reunido no pôr do sol, num conjunto de beleza, que fascinou esse turista culto, homem da planície, em que a montanha lhe descobria tantos e tantos encantos.

A enamorada sedução duma senhora francesa, perante os primores dos bordados regionais e das toalhas em linho.

A expressão dum visitante habitual, inglês, ao visitar mais uma vez a Penha: a Montanha tem sempre algo de novo para ver.

O rico espólio artístico, arqueológico e religioso dos museus, os templos, o velho burgo, o Castelo, o Paço dos Duques, não têm, afirmava-nos um turista, uma propaganda e um reclame nos meios estrangeiros, principalmente em França, de molde a convidar e a atrair o visitante. A verdadeira propaganda, em França, é feita pelos próprios franceses que visitam Portugal.

Se sem propaganda o número de turistas aumenta, razão importantíssima para activarmos as rea-

Calçado português... para os povos de Africa

Pelo P. Manuel Matos.

Pelo S. Mateus... regressa ao lar

Celebra no dia de hoje, esta ri-dente aldeia de Gonça, a sua festa-mor, o S. Mateus, com foros de Romaria.

E eu, preocupado com ela, pois, pelo que cá reza o povo, desde tempos imemoriais, compete ao abade da freguesia a promoção e organização da festividade em honra do Apóstolo, encontraria na sua preparação suficiente motivo para gastar todos os momentos livres... Porém, dá-se o caso de ser ela mesma — a festa que suscita em mim as ideias que vou expôr.

Ela concorre para que regressem ao lar vários meus parquianos, os quais, instados pela necessidade de escavar o pão de cada dia, se afastam para longas terras em busca de trabalho.

Ora, entre tantos que voltam à sua pobre casinha, nesta hora de festiva alegria para a humilde gente de Gonça, contam-se vários sapateiros.

O seu regresso traduz um mundo de saudades...

Saudades dos amigos... saudades do verdinho... saudades da mulher e dos filhos...

E é para matar tanta e tanta saudade que eles voltam, depois duns longos meses de ausência, para junto dos seus.

Não importa que encontrem uma aldeia pobrezinha... em contraste com a cidade que deixam, ruidosa, movimentada, estonteante.

O Porto, para onde foram, com quanto tenha a encher-lhes os olhos, não conseguem abafar neles a voz do coração.

O vácuo que a ausência neles cavou, traduz-se pela palavra unicamente portuguesa: Saudade.

Se é a saudade que os traz à terra, ao lar, ao seio da família no dia de S. Mateus.

Ora... porque se ausentaram esses sapateiros para o Porto?

Por causa da crise que se verifica na sua arte.

De artistas na sua terra... passaram a tombeiros e conserteiros nas terras do Porto.

Causas dessa crise? Consequências dela?

Eis o ponto principal do problema.

Diz-se que a causa principal da crise da indústria de calçado, é a falta de consumo do artigo... e argumenta-se dizendo que o povo português não anda calçado porque é caro...

Como pensam resolver o problema? De várias maneiras:

Primeira: Permitindo a montagem de maquinismos modernos que aumentam extraordinariamente a produção...

Ora a excessiva produção dum artigo não facilita por si só a solução da crise que afecte o consumo do mesmo.

Segunda: Concentrando junto dos patrões os artigos que vão trabalhar em sistema Taylor...

Uns fazem só isto... outros só aquilo...

O objectivo imediato parece ser criar o operário especializado...

Um dia, em caso de desemprego, o infeliz nem sequer saberá deitar umas meias solas... para ganhar um pouco de pão...

Além disto, a concentração dos operários junto dos patrões na cidade, obriga o artista a uma deslocação forçada, todos os dias, que atinge, em alguns casos, mais de vinte quilómetros diários...

A pé... é impossível, especialmente no inverno...

Doutra maneira — é dispendioso... e o ordenado não dá para andar de camionete.

Resultado? Ou a fuga com a família para a cidade, com os inconvenientes morais e sociais que daí advêm... ou então... abandono da família e ir longe tentar a sorte...

Impossibilitados de conseguir casa em Guimarães ou próximos arredores para si e para a família, e sentindo o peso duma longa caminhada diária duma vintena de quilómetros... optam por ir para o Porto, acomodando-se à condição de tombeiros e conserteiros com o que esperam ganhar o pão para si e para os seus...

Eis o que fizeram alguns meus parquianos, aos quais até emprestei o dinheiro para a viagem de ida...

E tudo isto... porque os parzinhos que eles iam buscar à cidade na segunda-feira... e levar, feitiños, no sábado... agora, ou são feitos pelas máquinas... ou então, só nas condições citadas, e que eles não podiam comportar.

Consequências? Deixaram a mulher, os filhos, a casinha, os ami-

gos... e ei-los a caminho do Porto...

Daqui a umas dezenas de anos... vai acontecer aos sapateiros o que aconteceu aos cocheiros: desaparecer...

Para já, as modalidades que estão a imprimir na indústria de calçado, estão criando seríssimos embaraços a muitas famílias.

E o caso requiere estudo e solução.

Entretanto, e isto é um convite para que venha à Romaria, se algum leitor vier até Gonça, ao S. Mateus, não estranhe se vir algum artista pingueirinho.

Ele já tinha saudades, tantas como da mulher e dos filhos.

Veio abraçá-los... e regalar-se com o verdinho.

Ninguém leve isso a mal... Passada a festa... ele retoma a cruz da vida, porque sabe que tem de trabalhar para viver.

Câmara Municipal

SESSÃO DE 19-9-57

A Câmara, sob a presidência do sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

Aprovar os trabalhos a mais autorizados na obra de «Reparação e beneficiação da E. M. da Ponte de Serves à E. N. 310 (Pevidém) — 2.ª fase», da importância de 6.954\$60, cujos trabalhos executados totalizam a importância de 312.986\$20;

Por indicação da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos solicitar a Sua Excelência o Ministro da Economia a necessária comparticipação para a obra de remodelação do Balneário da Estância Termal das Caldas das Taipas;

— Adquirir uma porção de terreno a D. Rosa de Jesus Ribeiro, destinada à continuação da abertura da Rua Dr. Antunes Guimarães, o que permitirá a venda de talhões para construção;

— Aceitar o preço indicado pela Empresa Industrial do Pevidém para o fornecimento de lâmpadas fluorescentes a colocar ou substituir na iluminação pública daquela povoação;

— Tomar conhecimento de que foi deferido o pedido de isenção do imposto de sisa relativo à aquisição dos imóveis destinados à construção dos novos arruamentos da zona do novo Liceu;

— Secundar junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses a pretensão da Junta de freguesia de Moreira de Cónegos no sentido de ser exclusiva dos estudantes a automotora n.º 7223, ou, no caso de não poder ser exclusiva, ser substituída por maior para servir estudantes e passageiros;

— Enviar à firma concessionária, para efeitos de execução se merecer a sua aprovação, o orçamento para electrificação do edifício escolar de Briteiros (Santa Leocádia);

— Colher propostas para as obras a efectuar na instalação eléctrica do edifício municipal das Caldas das Taipas e enviar à firma concessionária orçamento da respectiva baixada para execução, no caso de por ela ser aceite;

— Conceder licenças para obras: a Francisco Silva Guimarães, Aurora Leite Alves da Costa, João Ferreira, António de Oliveira e Abílio Magalhães Barbosa de Matos;

— Sencionar os despachos do Ex.º Presidente que concederam licenças para obras: a Maria Isabel Campos de Freitas, Joaquim Pereira, Casimiro Ribeiro, Alfredo Ribeiro dos Santos, Alberto de Oliveira & Faria, L.ª, António Lopes, Francisco Fernandes, Direcção do Sindicato Nacional dos Caixeiros de Guimarães, Domingos Salgado e Alberto José Passos de Oliveira;

— Conceder alvará de licenciamento sanitário para o estabelecimento de Taberna que Abel de Jesus Lopes, pretende abrir na Praça Dr. João Antunes Guimarães, em Caldelas;

— Aprovar, em princípio, e pôr em reclamação nos termos do art.º 684.º do Código Administrativo, o 3.º orçamento ordinário deste Município para o ano corrente;

— Autorizar pagamentos no montante de 66.984\$90.

E' proibido caçar na Penha

A Junta de Turismo mandou colocar em vários pontos da Penha letreiros, tornando pública a decisão da Comissão Venatória de Guimarães que proibe a caça dentro dos terrenos da zona de turismo da Penha.

Do Concelho

Caldas de Vizela

O Sr. Ministro das Corporações esteve nesta Vila

No passado domingo visitou a nossa terra o Sr. Dr. Veiga de Macedo que foi cumprimentado pelo Sr. José Luís de Almeida, Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Vizela, e pelo Sr. Flávio Faria, da Junta de Turismo local, que o acompanharam na sua visita ao Parque das Termas aonde se deteve por longo tempo a apreciar as suas belezas e um espectáculo de variedades que nesse momento decorria.

O Sr. Ministro e sua Ex.^{ma} Esposa retiraram-se ao fim da tarde.

Arraial Minhoto

No penúltimo sábado realizou-se na parada do quartel dos nossos Bombeiros um Arraial Minhoto. O local foi ornamentado com muito gosto, sob a direcção do artista vizelense Sr. Eduardo Pereira da Silva, aonde predominavam os motivos regionais.



VIZELA — Barcos no rio

Entre a selecta assistência viam-se muitas famílias desta Vila, de Guimarães, Porto, Matosinhos, Vila Nova de Gaia, Santo Tirso e Monção. Teve a colaboração da Orquestra «Pátria», do Porto, que deliciou os espectadores com músicas do seu vasto repertório.

Está de parabéns a Real Associação Humanitária dos R. V. de Vizela, à frente da qual se encontra o seu prestante Presidente, Sr. José Luís de Almeida, pelo êxito alcançado nesta festa chique, e oxalá que esta sirva de estímulo para muitas outras deste género, pois é destas festas, do agrado das famílias aqui, que Vizela necessita, e que infelizmente não se têm efectuado, não obstante a nossa terra dispor de condições magníficas.

Carmélia Alves e o seu conjunto actuaram no Parque das Termas

No pretérito domingo Carmélia Alves apresentou, no Parque das Termas, um espectáculo de variedades com o seu conjunto, entre o qual os tão populares Cangaceiros. Na realidade, este conjunto é digno de ser apreciado e foi aplaudido pela numerosa assistência que o presenciou. Só peço por ter iniciado a sua actuação muito tarde, pois quando esta *matinée* terminou já era noite.

As crianças da Catequese de S. João das Caldas foram em digressão até à Póvoa do Mar

Na última quinta-feira, as crianças da Catequese de S. João foram passar um dia à beira-mar. A linda praia da Póvoa de Varzim recebeu as nossas crianças com maneiras de verdadeira hospitalidade, e num local previamente escolhido passaram horas agradáveis em contacto com o mar, e só saíram de lá para assistir e cantar a Missa que se celebrou na Igreja Nova de S. José.

Finda esta cerimónia a caravana infantil regressou à nossa terra, agradecendo ao seu Pároco este gesto verdadeiramente simpático ao proporcionar-lhes tão agradável passeio.

Sociedade

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o grande amigo da nossa terra, aonde veio de visita, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa e gentil filha, o Sr. Albano Moreira Teixeira Bastos, de Matosinhos.

Aniversário

No próximo dia 25 passa mais um aniversário natalício o nosso prezado amigo e colega de Covas, Sr. Manuel Teixeira Martins.

Os nossos parabéns e longa vida.

Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, às 21,30 horas, a mais sublime história de amor

que o cinema nos tem contado — A PONTE DE WATERLOO, com: Robert Taylor e Lucile Watson. (Espectáculo para maiores de 17 anos).

Domingo, 29 — D. CAMILO E AS ELEIÇÕES.

Farmácia de serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia CAMPANTE. — C.

De Covas

Expediente

Joaquim Alves da Costa, Cruz de Pedra, Guimarães. — No próximo número trataremos, na secção «Tira-teimas», do assunto da sua carta.

Nota da semana

Alguns grupos de «Bem-Fazer» deram já a sua adesão ao de Santo Ildefonso, do Porto, quanto à projectada reunião de todas aquelas associações numa parada gigante de caridade, a realizar em Novembro próximo.

também por ter escolhido as bandas de música do concelho. Por vezes, a afluência de assistentes é insignificante, o que é de lamentar. Mas um dos motivos é a falta de transportes das freguesias circunvizinhas. É mais: não temos meio de transporte para assistir às sessões de cinema à noite. Em face disto, pergunto: por que não se resolve a Câmara a servir as localidades rurais com os prometidos autocarros já que a C. P. não está disposta a servir-nos convenientemente?

«TIRA-TEIMAS» Quem é o autor?

«Sr. Correspondente:

Dirigindo-me ao autor da carta publicada na secção «tira-teimas» no número anterior, 15 do corrente, a qual vem beliscar com a minha pessoa, permita-me, Sr. Correspondente, dizer o que se me oferece sobre a mesma. E faço-o porque assim darei uma satisfação aos leitores do nosso querido Jornal.

Aquele confuso e complicado conteúdo, revelou bem o quanto se torna suspeito o seu subscritor: «H. Matos — Porto».

Quem vem a ser este Sr., afinal? — O próprio? — Testemunha do que se passou? — Amigo? Vizinho? — Ou advogado do discutido Sr.? Desculpe-me se me engano, mas deve tratar-se de um simples «D. Quixote»... Desta, foi infeliz...

Se não fosse a excepcional benevolência do Sr. Correspondente para com o Sr. Guarda-Cancelas, teria o Sr. «Matos» dado o seu tempo por perdido, indo a carta para o cesto dos papéis. Porque não se identificou a ponto de assim comprometer a sua honorabilidade? Os que leram bem a minha carta, com certeza que a compreenderam — de alguns tenho a certeza absoluta; os que leram a do Sr. Matos, o que entenderiam da sua objectiva? A confusão é tremenda, pois em quase nada se coaduna com os dois factos, simples, que na minha versei. Se não vejamos:

Quando me referi à actuação do Guarda-Cancelas do «Castanheiro» achei oportuno apontar-lhe duas faltas mas sem qualquer intuito de ver este fora do emprego. Não pense nisso, Sr. Matos, porque não era caso para isso.

Ambas elas são de fácil correcção, e é precisamente isso que eu visei para bem da Comunidade. Não quis nem queria nunca induzi-lo a prevaricar. Na sua missão não deve ele, de facto, atender a todo aquele vulgar pedido: «um jeitinho»... Mas eu apenas lhe disse que em Covas passamos com as cancelas abertas, o que significava haver algum atraso e ele, então, constatá-lo-ia pelo telefone, se quisesse. (Aliás, fá-lo qualquer colega noutros passagens de nível). Como não acreditasse em mim nem noutros circunstâncias motorizadas, — claro, nem o telefone funcionou! — aguardamos e, entretanto, um deles, de fora da Terra, protestou enérgicamente, mas nunca a ponto de maltratar nem de «blasfemar», como o Sr. Matos — mal informado — diz. Nem eu, nem ninguém se excedeu para com o funcionário, mas sim lhe manifestamos o nosso reparo por ele nesse momento não revelar aquela delicada atenção para com o seu semelhante, o que em nada afectava a sua acção, mas dignificava-o; e às Entidades Superiores, as quais muito honrosas e satisfeitas se sentem ao saber que os seus elementos inferiores, sem fugir ao «Regulamento» (e deve ser assim mesmo), nos dispensam gratas atenções — e isso verifica-se em Covas, como por toda a parte — que tantos benefícios acarretam, especialmente para muitos de nós que, quantas vezes, lucramos com esses «minutinhos» que esses Guardas nos permitem aproveitar. Mas creia, Sr. Matos, que eles, cónscios dos seus deveres o fazem, e podem fazer, claro está, espontaneamente. Dois dos mencionados circunstâncias que são vimaranenses, estão ausentes, senão seria fácil eles afirmarem e assinarem aquilo que presenciaram, pois não é mais do que aquilo que escrevi. O Sr. Matos fica a saber que eu não sou o «Mau» como me considera, por quanto não quis — nem quero — fazer mal a ninguém, e a origem da sua carta deve-se a uma natural confusão. Tudo deve já estar corrigido e a sua «quixotada» também...

Lembro-lhe, porém, que não adopte pseudónimos dessa natureza; seja mais prudente futuramente, dum modo principal ao ventilar assuntos de «carácter» maior, pois hoje os anónimos são fáceis de desveiar... Eu julgo que é bom proceder da seguinte maneira: Conhecendo um prevaricador ou criminoso que fugiu ao rigor da Lei, não se deve proteger: Denuncie-se. Facilitar-lhe a fuga? Não; isso não! Temos obrigação de o deter, sem atender tão-pouco ao mais chegado parentesco.

Evitando o mal-estar Comum, assim, útilmente servimos a Ordem, a Moral e a nossa querida Pátria. Respeitosamente, o assinante: *Vitorino Ferreira* (motorista) — Rua da Rainha, 166-1. — Guimarães.

Coisas e coisas...

Rádio — Futebol

«Começou o futebol! Era um regalo no passado domingo percorrer-se o quadrante de ondas médias: só se ouvia futebol! Uma furtiva. Saliente-se a única excepção: a estação de Porto II da Emissora Nacional. Mas isso é na cidade do Porto e arredores. Os ouvintes da província, onde não se ouve a estação de Porto II ou a modulação de frequência, não têm outra alternativa: ou futebol... ou futebol! Aos domingos, já se sabe!».

Tem razão o *Jornal de Notícias* que publicou no passado dia 13 esta crítica e que bem merece o mais rasgado aplauso de todos os que não se interessam pelo futebol.

A culpa não foi do burro!

No lugar do Castanheiro seguia uma carroça puxada por um burro e carregada de melões. Nisto, surge-lhe e pára de repente à sua frente uma furgoneta, desta localidade, e o desastre foi inevitável pois o animal deu com a cabeça no vidro de trás, partindo-o. Como ao lado do condutor da furgoneta seguia a proprietária e julgando-se esta com razão, resolveu pedir ao pobre do homem a indemnização — apenas 100\$00 —, com o que ele não concordou, tanto mais que as testemunhas declararam abertamente que a culpa não foi do burro!

Isto não pode ficar assim! pensou ela. E, quando as coisas serenaram um pouco, foi ao posto da P. V. T. e contou o que se passara. No mesmo veículo veio a autoridade ao local do desastre — já o homem da carroça tinha mandado o seu ajudante vender a mercadoria. Em vez de ir ao posto melhor ela tivesse aceitado dois melões para compensar o prejuízo. E que, no final, posta ao corrente do que se passara, a autoridade condenou a queixosa em 200\$00 e a apreensão da carta ao condutor. Como ela não concordasse — pois não pagou — remeteu a juízo o respectivo auto.

E o «burrinho» não vai ao hospital? — perguntou uma *miúda*... Enfim, todos deram opiniões e comentaram o caso à sua maneira e só o desgraçado do burro — a única vítima — com as ventas a sangrar é que não deitou faladura...

A culpa não foi...

Notícias pessoais

Encontra-se nas Pedras Salgadas o industrial e nosso prezado amigo Sr. Alberto Pereira da Cunha.

— Regressou da Póvoa de Varzim com sua família o nosso bom amigo Sr. Bernardino Ribeiro.

— Também da mesma Praia e acompanhados de suas famílias já se encontram em Covas os nossos bons amigos Srs. Manuel de Abreu e António de Araújo, membro da Junta de Freguesia de Polvoreira.

— Ainda da mesma Praia regressou o proprietário da «Gráfica Covas» e nosso bom amigo Sr. Jaime Pereira da Cunha.

Aniversário

Fez anos no dia 20 a gentil menina Maria do Céu Pereira da Cunha. Mil parabéns. — C.

Guardizela

Guardizela não teve sorte!

É verdade, caro leitor, Guardizela, esta bucólica freguesia, mais uma vez andou sem sorte. Paciência! Não é motivo para desânimos.

De facto, ao menos por graça, lhe tivéssemos caído da mesa do *Plano de Actividades para 1958* umas mitalhinhas, seria coisa a dar motivo de muita alegria cá para a gente, mas não pôde ser ainda desta vez e por consequência há que ter paciência!

Quando se faz uma distribuição benéfica por quem quer que seja, mas que a mesma não pode beneficiar toda a gente, não há dúvida que os não beneficiados, ficam, com o seu razão, descontentes; e neste caso encontra-se a nossa freguesia, talvez a mais necessitada do concelho, pelo facto de o *Plano de Actividades para 1958*, não ter feito chegar até nós nem uma pontinha sequer de benefício.

Porém, acreditamos piamente que as boas intenções do seu autor não foram traídas. E há, portanto, que esperar, calmamente, até melhor oportunidade.

Enfim, Guardizela não teve sorte ainda desta vez, embora saibamos que as coisas na Câmara Municipal se fazem com ponderação e pensamento!

Correio de graça

C. T. T. — Mais uma vez o nosso jornal, *Notícias de Guimarães*, nos chegou às mãos no domingo de manhã, o que é motivo de regozijo para nós.

Obrigado.

Padre M. Martins — Revelhe. — O comentário que V. Rev.^a fez a nosso respeito foi-nos comunicado. Somos, na verdade, um bom correspondente, e qualquer um, nas nossas circunstâncias, o poderia ser, numa terra como esta, onde em qualquer canto aparece, infelizmente, um assunto.

Isto é mesmo assim: na terra dos cegos quem tem um olho é rei. No entanto, não devemos perder por não falar, e V. Rev.^a foi justo na sua apreciação.

Se um dia V. Rev.^a passar por Guardizela desde já fica convidado a entrar em nossa casa — que é pobre... mas alegre.

Creia-nos inteiramente ao dispor.

C. da Rocha—Guardizela.—Grato pela prestimosa informação. Quanto ao assunto de que falamos simplesmente temos de aguardar outras nuvens.

Mande sempre.

Albano Evangelista Pereira—Guardizela.—Recebemos o cartão que teve a amabilidade de nos enviar, onde nos agradece as referências de que boa vontade fizemos a sua Ex.^{ma} Esposa, quando do seu aniversário natalício.

Grato pela atenção.

Duas leitoras.— Isso não nos interessa, meninas. Demais é já um caso com barbas de tão velho que é. De resto, à vossa curiosidade responderemos como outrora o grande Aristóteles, ao ouvir dizer que um homem falara mal dele: «*Estando eu ausente, que me importa?*».

As vossas prezadas ordens

Carteira do leitor

Joaquim Pereira da Silva. — Fez anos no passado domingo, este nosso particular amigo e prezado colega de Delães, a quem apresentamos os nossos parabéns.

Baptizado

No último domingo recebeu as águas lustrais do baptismo na paróquia de Riba d'Ave a menina Cidália Meireles Machado, filha da Sr.^a Maria Isabel Bessa de Meireles e do Sr. Agostinho P. Machado, tendo por padrinhos os avós paternos Sr. Raul Pereira Machado, nosso bom amigo, e sua esposa, Sr.^a Ilda Pereira de Miranda Machado.

Ao neófito desejamos todas as felicidades. — C.

Caldas das Taipas

Posto clínico das Caixas de Previdência

Dentro de algumas semanas fica concluída a construção do edifício do posto clínico das Caixas de Previdência.

Trata-se de uma obra iniciada há mais de 6 anos, que durante muito tempo foi votada ao abandono, mas que o actual Ministro das Corporações, Sr. Dr. Veiga de Macedo, mandou concluir como é indispensável. Bom será que a Ex.^{ma} Câmara mande, agora, concluir a construção dos passios que circundam aquele edifício, de modo a que a sua inauguração possa ser realizada em breve.

Sede da Junta de Turismo

Igualmente prosseguem as obras de adaptação da sede da Junta de Turismo, instalada no edifício municipal sito na Praça Dr. Antunes Guimarães.

Abastecimento de água

No plano de actividade para o ano próximo, a digníssima Câmara Municipal propõe-se resolver o abastecimento eficiente da água, nas vilas de Vizela e Taipas e no centro fabril do Pevidém.

Na verdade trata-se de uma medida de largo alcance, pois, a cada passo, nota-se a falta de água para consumo, com prejuízo para o comércio e incómodo para todos os que têm necessidade da sua utilização.

Dr. Sousa Costa

A fazer a sua habitual cura de águas encontra-se nesta Estância o ilustre escritor Sr. Dr. Sousa Costa, grande amigo das Taipas, e que nos seus livros e na imprensa do País não se cansa de descrever as belezas desta região.

O festejado escritor tem ultimamente trabalhado num livro sobre Camilo Castelo Branco, que em breve vai ser editado, e no qual segue, a par e passo, as andanças do malogrado romancista nas Taipas e terras próximas.

Sociedade

Na sua Quinta do Monte, desta vila, está o Sr. Elisio Pereira do Vale e Ex.^{ma} Família.

— Regressou a Lisboa o Sr. Doutor Miguel Mendes Alves, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa.

— Acentuam-se as melhoras do nosso estimado amigo Sr. Augusto Clemente Pinto Lisboa, vítima de um desastre de motocicleta na Póvoa de Varzim.

— A passar as suas férias, encontram-se nas Taipas os Srs. Drs. Aires Ferreira e Ribeiro dos Santos, altos funcionários da Alfândega do Porto.

— Cumprimentamos nestas terras o Sr. J. J. Fernandes Canhão, Inspector da C. P., que aqui se deslocou para tratar da instalação dum central de despachos dos Caminhos de Ferro.

— Na sua casa de Verão, em S. Cláudio do Barco, está acompanhado de sua Ex.^{ma} Família o Sr. Dr. José da Conceição Gonçalves, digníssimo Veterinário Municipal.

— Na casa da Freiria, encontra-se o Sr. Dr. Eduardo de Almeida, ilustre advogado e colaborador do *Notícias de Guimarães*.

— Regressou ao Porto, depois de uma estadia na sua propriedade de S. Cláudio do Barco, o ilustre advogado Sr. Dr. José de Oliveira.

— De visita a sua Ex.^{ma} Irmã Sr.^a D. Margarida Carvalho Crato, está na Casa da Mogada o Sr. Guilherme Pereira de Carvalho, alto funcionário do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo. — C.

Campelos

Os nossos problemas

Ao dedicarmos hoje esta nossa correspondência aos grandes males que afligem esta localidade, um único fim pretendemos atingir. Não trabalhamos para passar tempo nem para divertir. Ver solucionados, se não todos, os nossos mais graves problemas, são os nossos mais ardentemente desejados e por isso, quando escrevemos que não temos água potável suficiente para abastecer o meio, que não temos luz eléctrica necessária para a completa iluminação da rua, que não temos um telefone público para a qualquer hora chamarmos o médico ou os bombeiros, que não temos escolas capazes de comportar, convenientemente, as crianças na idade de aprender a ler, que não temos estradas em condições de se poder transitar à vontade... etc., etc., são pedaços de alma que se desfazem a clamar incessantemente em alta voz o abandono a que estamos votados. Por isso, hoje, ao pretendermos abordar novamente o lastimoso estado em que se encontram as nossas estradas, não o fazemos como mais uma notícia qualquer para o jornal, mas positivamente um assunto que é urgente remediar.

Não faz sentido, atendendo ao movimento que diariamente se regista, que as nossas estradas continuem em tal estado, que fazem recordar tempos idos. A propósito, lembro-me de quando frequentava a instrução primária, serem colocados no interior do edifício sugestivos cartazes com motivos alegóricos à admirável obra do Estado Novo, contracenando com o que era antes de 1926.

E num desses cartazes (esse ficava mesmo na frente da minha carteira) via-se um luxuoso automóvel, deslizado por uma larga estrada de bom piso enquanto outro, muito velho, meio sepultado nas grandes covas que noutra estrada, em toda a extensão existiam, era preciso uma junta de bois e vários homens, munidos de fortes alavancas. Essa imagem real ficou-me tão gravada que ainda hoje recordo o miserável estado das nossas estradas antigas, ficando a pensar no martírio de quem obrigatoriamente, a pé ou a cavalo, tinha de as percorrer.

Pois bem, as estradas que actualmente atravessam esta nossa povoação, são bem a imagem dessas outras estradas que outrora existiam. Grandes buracos, regos intermináveis, pedras enormes a saírem das entranhas da terra, poeira, muita poeira, nestes dias secos de Verão, e charcos sem conta quando chove, principalmente no Inverno, são em síntese o que se encontra desde Silveiras — Campelos — Vila Nova de Sande e Campelos — S. João.

Por isso, podemos dizer que não faz sentido algum existirem ainda estradas desta categoria nesta terra, que bem merece mais um pouco de carinho. A todo o momento nos chegam queixumes a tal respeito: São os automobilistas que têm amor ao seu carro, no qual empregam o seu rico dinheiro e vêm-no despedaçar-se ao rolar nestas estradas indesejáveis. São os ciclistas motorizados ou a pedal que num esforço titânico têm de as atravessar, espalhando-se por vezes e noutras tendo de apar-se para não sofrerem qualquer queda devido às enormes nuvens de poeira que os envolve e consequentemente tira a visão, ou então grandes charcos que os obriga a consecutivas provas de ginacana. São os pobres peões, que tropeçando aqui, caindo ali, suportam ainda mais acentuadamente os rigores do pó e da lama. São também os passageiros das carreiras de caminhetas, que, violentamente sacudidos, é para eles esta viagem um sacrifício enorme, mormente quando estão doentes. Tenho presente um caso, que se deu ultimamente com uma pessoa que, precisando deslocar-se a Guimarães, de caminheta, foi pelo médico proibida dessa deslocação, pela sua saúde não poder suportar tais solavancos.

E como este, vários exemplos poderíamos frisar.

Apelamos, pois, para a acção da nossa Câmara Municipal no sentido de não descurar nunca este como os outros problemas com que presentemente nos debatemos. Nesta hora de ressurgimento da nossa querida cidade, onde nasceu Portugal, imploramos um olhar de misericórdia para estas paragens. E se a cidade se alinda e cresce, numa atmosfera de progresso, seria um complemento ideal a esse progredir que as terras do concelho se mostrassem também bonitas e arosas. A nossa terra, que ocupa lugar de relevo na vida do concelho, pela sua vasta indústria, comércio e agricultura, bem merece que se lhe dedique uma melhor atenção.

Esperamos confiantes nos Altos Poderes Legislativos, na certeza de que não são em vão as nossas justas aspirações.

Aniversários

Comemora no dia 25 do corrente o seu aniversário natalício o nosso ilustre colega de Covas, Sr. Manuel da Silva Teixeira Martins, motivo porque lhe endereçamos os nossos melhores cumprimentos de parabéns, fazendo ao mesmo tempo ardentes votos pela sua preciosa saúde e lustração.

(Continua na 4.^a página)

EDUARDO DE ALMEIDA GUIMARÃES

e a «Peregrinação pelo Termo de Guimarães»

Por J. M. PINTO DE ALMEIDA.

moderniza-se sem perder
o seu carácter histórico

superioridade intelectual a assinalar, o seu nome se plasmará unido à sua obra, para defrontar o tempo, na mesma ronda dos séculos, como a interpretação que o seu autor dos séculos passados foi fazendo e nos foi dando.

O mérito da sua obra, muito naturalmente escapa aos extrovertidos da cultura do dia a dia, se assim se pode chamar a uma forma de aquisição intelectual enganchada na novidade da forma ou do ideal, que se traz para a rua, como a fazenda do fato do poeta, à espera do último figurino, sendo lástima que estas gerações de torturados dos motivos sociais, que encham o nosso tempo, tão depressa deponham o interesse que fique em aperfeiçoamento da vida humana, pelo interesse fugaz dos temas em que transitam curiosidades volúveis, a não servir para nada.

O conselho de Goethe da transformação da dor numa obra-prima, a seguir por tantos a quem a dor de viver atinge agora crucialidades morais de inferno e de tragédia, faria da nossa época o primado intelectual da Humanidade e nunca, como hoje, poderiam surgir as manifestações do génio e da sua obra.

Apenas, se surgem, se dá ao engenho um significado que o não deixa de bem com a velha expressão do «engenho e arte», que andou a doirar a Humanidade dos mais contrastados fulgores.

Ainda assim, o conselho é bom. E quem o segue pode fazer, como fez o Dr. Eduardo de Almeida, pela transformação do seu tormento de viver, na alegria criacional dum obra de intenso carácter, em que os factos, as pessoas, o ambiente se recortam e dão contorno a uma galeria excepcional de quadros rurais ou históricos, para além, muito para além do escrevinhamento de muitos, que agrupam as palavras, ou as emaranham, deixando-as vazias de alma, como se à alma e para ela a palavra não tivesse apenas existido, em comunicação de potências, de segredos prescruatados, de ansiedades que foi possível atingir.

Quando se escreve com a alma em transparência, vê-se claro através dos motivos, pelos quais vale a pena escrever.

Os nulos não são modestos... «Passa um dia na romagem dos séculos...» E aqueles que têm a consciência da sua passagem valorizam-no com a publicação de obras como a *Peregrinação pelo Termo de Guimarães*, ininterpretando nelas e nelas depositando a consciência dum trabalho, que é ao mesmo tempo a posição alertada dos espíritos superiores, ante os fenómenos da História e da Vida, em projecção dos interesses, que se foram capazes de viver, — espalhando no solo moral as raízes do conhecimento, a elevarem-se ao sol e ao céu, em ramos de fronde e amenidade, se não em desafio, sem temor da morte e das sombras.

A romagem dos séculos e o que nela se esconde de significado religioso ou de promessa a cumprir só a empreendem os que sabem alinhar os seus passos na marcha apoteótica da peregrinação teogónica em que desde sempre se fizeram desfilar os deuses e os símbolos, aproximando os homens dum razão divina, incorporando-os no coro processionário da superiorização dum culto, desintegrando-os do composto da matéria, para lhes dar forma espiritual, — a da sua ansiedade!

A romagem dos séculos só a poderão fazer os «peregrinos cansados» de tantos passos indiferentes da Vida. É como um regresso aos caminhos já percorridos, por onde os olhos passaram desatentos. De volta, olham-se, então, os cruzeiros e as pedras toscas, os sulcos que a humanidade na sua passagem imprimiu nos caminhos púidos, o fumo do casal que enegrecceu as paredes da habitação, a criança que repete a toada secular dum canção de que se não sabe a origem, um marco ou um fio de água, tudo o que não nos impressionou, quando arrastados pelo descuido ou por um sonho, que sempre nos levava mais adiante.

Não fixamos imagens, não vislumbramos certezas, que nem o coração se deixaria despojar de qualquer imagem única, que permanesse nas suas recâmaras, nem a necessidade das certezas definitivas se impunha ao cérebro escandecido.

A romagem dos séculos fazem-na os que servidos do bordão do conhecimento podem transpor os vales e as alturas, ou de lá vieram, acariados pela sinfonia pastoral de um amor às coisas mansas, lírios, árvores, regatos, cânticos de aves, simplicidades da vida rural, ou batidos no esforço do escalamento das encostas, banhados de luz mais leve e pura, do ar que soprou em afago ou tempestades, mas de frente rasgada ao alto da vida e à inteligência da sua compreensão, revoltos os cabelos ou crispados os nervos por uma ansiedade irrefragável.

E o Dr. Eduardo de Almeida, ao longo dum peregrinação na vida, soube sempre dizer-nos o que o seu coração e a sua alma escutaram, no segredo confiado à sua prodigiosa capacidade receptiva.

É um Homem e tem uma Obra. Quando um dia se fizer a revisão necessária dos valores actuais de Guimarães, daqueles que em verdade são marco e património dum

Já Martins Sarmiento e Alberto Sampaio, dois vimeanenses erguidos à altura do que intelectualmente houve de mais alto no País, tinham assegurado por certezas de estudo sério o afastamento dos acasos, com que se tenta fazer o fatalismo da História, para tornar irresponsável o Povo no que ele fez, no que ele quer e no que ele deseja.

Há a tendência de falar abusivamente da Raça Portuguesa, atribuindo às raízes e ao seu espalhamento no solo a única virtude e vigor que encontramos no tronco.

Se substituirmos a designação de Raça por Gente, o que, aliás, Camões sempre preferiu, estaremos bem mais próximos do fenómeno populacional, que imemorialmente fixou na faixa ocidental da Península aquele povo que hoje representamos.

Mas, depois de Martins Sarmiento e Alberto Sampaio é agora o Doutor Eduardo de Almeida, da mesma estirpe de investigadores e de estudiosos, quem afirma: — «o que eu pretendo é afastar o acaso. O «acaso», o «aconteceu» puro e simples, além da falta de senso, é erro ou heresia na vida e na história da vida».

Esta afirmação é feita a propósito da fundação do Mosteiro de Mumadona, que neste livro agora publicado tem o investigador carinhoso e solerte, que há tanto tempo requeria.

De há muito se vislumbrava, sem a coragem da afirmação histórica, a origem de Portugal na fundação do Mosteiro de Guimarães, recuando para o Século X o que se tem colocado dois séculos depois, e a série de documentos e de interpretações agora iluminadas pelo Dr. Eduardo de Almeida não consentem que nos detenhamos mais na dúvida do erro ou do receio de fazer avançar uma investigação, pronta a ser aceite pela crítica mais exigente, se não for deformada pelos negadores sistematizados de alguns fenómenos da História.

E os factos são assim: — Mumadona funda o Mosteiro, dotando-o com a sua família de haveres inacreditáveis para a nossa época.

O Mosteiro de Mumadona é um mosteiro duplex de monges negros. Mas é também a origem do Burgo, Castelo e Paços Reais de Guimarães. Diz o Dr. Eduardo de Almeida: — «Só ateimamos em não deixar passar em julgado que, mesmo no tempo de Mumadona, a quinta ou herdade de Vimeanense fosse simples e modestinha vila, igual e do mesmo tipo de qualquer das outras».

E faz bem em «ateimar!» Com uma doação que começava no Rio Minho e acabava em Coimbra, tomando as margens do Douro e do Vouga, a fundação de Mumadona era um extenso Condado e ponto convergente de interesses que ligavam os povos de metade de Portugal.

Esta ligação e união estável dos povos, para um bem comum, é fundamental na compreensão da origem do reino, sem a qual não repugaria aceitar o entrecaboque tumultuário dos acasos criadores.

Em Guimarães, na corte de Mumadona, se fundou Portugal, a menos que queiramos ler, sem poder de relacionamento, as escrituras que revelam a existência naquele tempo dum elo já muito poderoso, a reunir os povos nos seus interesses vitais.

Imaginar, é fácil imaginar a corte de Mumadona «à moda do seu tempo, — os parentes, os amigos, os instrutores e mestres dos seus filhos, os escreventes e notários, os fâmulos de várias categorias e os homens de armas».

Corte ilustrada, como se deduz da doação que também Mumadona fez em livros.

«Pequena Corte, mas bem marcada pela sua categoria».

Deixa-se ainda à investigação dos juristas da História como passaram os bens de Mumadona à posse do Conde D. Henrique ou como este tornou efectivo o apossamento do Condado, sobre a Fundação feita por aquela devota Mulher, grande vulto feminino do início da História Portuguesa.

Pouco importa para o caso. O prestígio do Mosteiro de Mumadona e sua Fundação são anteriores de dois séculos à vinda do Conde D. Henrique. E o Mosteiro, atraído o Conde, trouxe-o para um núcleo regional estabelecido já fortemente, em razão da propriedade vinculada à doação, constituindo Guimarães, com seu Termo, embora então dilatado por longínquas regiões do País.

O facto irrecusável é a formação do Termo de Guimarães, aglutinado

à volta da fundação religiosa do Mosteiro. Os outros factos subsequentes da História de Portugal estão encadeados à Fundação de Mumadona.

E conhecida, de resto, a influência decisiva dos Mosteiros no desenvolvimento populacional, social, agrícola e económico das regiões. O de Guimarães era rico de bens e de espírito, como convinha ao nascimento do poderoso impulso, que dele haveria de sair, para ditar muitas páginas da nossa História.

Pelas frementes e piedosas mãos da Condessa Mumadona se embalou o berço, que deu ritmo de embalar a todos os berços onde se criam e animam os corações de Portugal...

Não se sabe quem foi a avó, nem se o Arcebispo de Braga gostaria de baptizar o menino... Não se sabe, nem é preciso.

Peregrinação pelo Termo de Guimarães é a história de Guimarães e seu Termo, levada à minúcia dos proprietários das quintas, que nelas viveram, pelos séculos e séculos...

É um trabalho ímprobo, dos muitos dias e noites de estudo, de muitos anos de devoção e de amor.

Mas é também a colheita e recolta dum meado enorme de conhecimentos, desde o sulco em que foi lançada a semente dos factos aos frutos, que se transformaram no pão de vida, de cultura e de erudição.

Quis o Dr. Eduardo de Almeida fazer da *Peregrinação* uma série de artigos de jornal, que aqui, no *Notícias de Guimarães*, foram sendo publicados, mas a obra tornou-se tão vasta, que teve de ser recolhida em volume.

É da observação corrente que muitos colhedores de frutos não conseguem recolher o valor da semente.

Não sabem tratar da terra... Mas, quando quem a cultiva, a canta e a chora, a rega com o seu suor e seu saber de amanhos, os frutos não cabem no celeiro.

Aconteceu assim ao Dr. Eduardo de Almeida. A *Peregrinação pelo Termo de Guimarães* é tão grande que não cabe no livro de 450 páginas.

Salta para fora dele, para a nossa curiosidade e interesse de estudiosos, salta para além do valor contido no período ou na página, obrigando a prosseguir na investigação, até onde se possa encontrar o veio fecundo de tanta indicação preciosa para a História do Concelho, do seu Termo.

Quando Alberto Sampaio escreveu *As Vilas do Norte de Portugal*, trabalho indispensável a quem queira seguir o caminho da formação das populações, através da Romanização e da Reconquista, publicou 50 exemplares dessa grandiosa obra, quase só para oferecer aos amigos, descrente de que mais alguém a fosse ler.

«Quem vai ler isto?», dizia.

E o Dr. Eduardo de Almeida, desconfiado da curiosidade que a *Peregrinação* suscitava, também a começa, «sem ilusões, quanto ao reduzido número de pessoas a quem leituras desta natureza possam interessar».

— Porque será que os homens de real valor têm sempre em pequena conta o seu trabalho, mesmo que ele apareça como oferta extraordinária, em doação feita àqueles que se não enganam e sabem pesar mesmo as pequeninas frações de ouro, que se misturam às areias movediças, na aluvião do saber?

— Será porque uma bondade inata seja atribuído correlativo e concomitante do próprio valor, de modo que o que é pedido pela exigência intelectual fique anulado pela bondade com que a mesma exigência se oferece?

— Sem a diminuição de valores próprios, a temperar a legítima honra de os possuir, não é possível um equilíbrio de consciência?

O Dr. Eduardo de Almeida deixou-nos na *Peregrinação* mais uma certeza consoladora. Ao queixar-se do cansaço, senta-nos junto de si e conta-nos a história maravilhosa das gentes de Guimarães, com o mesmo coração, com que bateu as duras pelejas da vida, quando pela sua voz ou pela sua pena, a sua consciência ou os seus amigos o chamaram a proclamar mais alto a voz de Guimarães.

E a certeza é esta: — o seu potente e bem iluminado espírito continua ainda no caminho aberto das magnanimidades da inteligência, do saber e do encanto de lhe seguir os passos, que não são dados em falso.

J. M. PINTO DE ALMEIDA.

O encanto real e a importância verídica de Guimarães não lhe advém apenas da sua origem histórica — Berço de Portugal — nem da beleza da sua paisagem, de que a Penha é admirável paradigma. Como cabeça de concelho, Guimarães é uma cidade essencialmente progressiva, com uma vida industrial intensa e frutuosa, um comércio desenvolvido e florescente. No aspecto cultural e artístico, a terra pode, sem hipóbole, considerar-se um relicário artístico, de que são padrões imorredouros o monumento ao Fundador, o Castelo, o Museu Martins Sarmiento, o Museu Alberto Sampaio, o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, e, como jóia de arte religiosa, com as suas preciosidades arquitectónicas, a Colegiada de Guimarães, que foi outrora centro notável de vida eclesiástica, com jurisdição e hierarquia quase episcopal.

Ao lado destes autênticos motivos de recreação espiritual, abundam na cidade os edifícios antigos — velhos solares armoriados evocando nobrezas e fidalguias que o tempo deliu, mas que não se apagam inteiramente, visto que as pedras que lhe dão cor, fisionomia e vivência, falam por si mesmas, relembrando as virtudes de antanho, em que o espírito de cavalaria exercia domínio supremo.

O Minho foi sempre província de fidalgos; e embora Guimarães se situe na parte baixa dessa região, desde que foi dos seus muros que saiu o movimento de formação da Nação portuguesa, os seus naturais, mesmo os das classes populares, consideram-se justamente oriundos das gerações que fizeram o Reino, combatendo ao lado do intemerato filho de D. Teresa.

A cidade é afável e acolhedora,

Do Concelho

(Continuação da 3.ª página)

cidade na ingrata missão a que apaixonadamente se devotou. Que esta data se prolongue por muitos anos é o nosso mais veemente desejo.

— Festeja hoje, dia 22, o seu aniversário natalício, completando 16 risonhas primaveras, a gentil menina Maria de La Salette Mendes Oliveira, aluna do 3.º ano da Escola Comercial de Guimarães, filha querida do nosso prezado amigo e assinante deste jornal, Sr. António Teixeira de Oliveira e sua esposa. Parabéns.

Na praia

Tem estado na Póvoa de Varzim com a sua família o nosso amigo e assinante deste jornal, Sr. Sebastião de Oliveira (Valadares), de Vila Nova de Sande.

Sufragando

Pelo pessoal da Fábrica de Campelos, da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, vão ser mandadas celebrar na sua capela em Campelos 14 missas, resultado dum subscrição voluntária aberta para tal fim, pelo eterno descanso do malogrado director da mesma Companhia, Sr. Orlando de Lima e sua esposa. É digna de louvor esta iniciativa, motivo porque aqui a registamos. Bem hajam.

Padre Miguel da Silva Carneiro

Por despacho superior foi colocado nas Oficinas de S. José, de Guimarães, como professor, o nosso ilustre conterrâneo Rev.º Padre Miguel da Silva Carneiro. A Sua Rev.º desejamos muitas prosperidades no seu apostolado, que cremos será frutífero, mercê das excelentes qualidades que o adornam.

Até que enfim!

Informaram-nos, precisamente na ocasião em que escreviamos para o jornal, que a Guarda Nacional Republicana reprimiu o abuso das vendeadas de sardinhas, hortaliças, frutas, etc., que diariamente fazem praça da via pública, junto ao portão da fábrica da Companhia. Bem hajam, pois a maneira como é feito o mercado, é um atentado contra a segurança do trânsito. — C.

alegre e movimentada, e o seu sentimento bairstista não tem par, realizando, quando é preciso, milagres espantosos, fazendo nascer a vida das próprias coisas que pareciam inanimadas.

No seu historial regionalista, Guimarães guarda com desvanecimento compreensível, o exemplo estupendo de ter levantado em cinco dias uma praça de touros que as chamas haviam destruído em poucas horas, e que importava fazer ressurgir, fosse como fosse, para que às festas Gualterianas não faltassem as corridas de touros que tinham sido anunciadas.

Foi há anos que isso sucedeu: mas a lição desse feito, dada por uma população inteira, senhoras da alta sociedade e da burguesia, industriais e comerciantes, gente humilde e trabalhadora, laborando noite e dia ininterruptamente, numa afirmação admirável de civismo e de amor à sua terra, ecoou por todos os recantos do País, impondo-se admiravelmente como ardoroso triunfo de uma vontade colectiva, para o qual o nome de Guimarães estava em primeiro lugar!

Os vimeanenses são assim. Quando querem — querem mesmo. É por isso que as suas festas têm grandeza. As Gualterianas atingiram fama nacional, e levam todos os anos ao Berço de Portugal milhares de visitantes.

A cor e a variedade dessas festas, com as suas iluminações férreas, de uma singular originalidade, com a sua Marcha luminosa, que esplende na figuração dos seus carros e das suas rusgas, o fogo de artifício que os pirotécnicos confeccionam com requintes de virtuosidade, tudo enfim contribuir para que o tradicionalismo dessas celebrações anuais dê à cidade um luzimento excepcional, abonando as qualidades dos seus naturais, o seu patriotismo sadio que começa pelo amor da pequena pátria do seu nascimento.

Guimarães, porém, sendo tudo isto, é também um burgo de cultura e de arte de apurada sensibilidade e de rara valia. Alguns dos seus homens mais ilustres souberam engrandecer e valorizar a cidade pela obra que construíram e por aquilo que inspiraram. É o caso de Martins Sarmiento, sábio arqueólogo que tantos serviços prestou ao País e que legou à sua terra os meios necessários para a fundação de um Museu e Biblioteca, — Sociedade Martins Sarmiento — e cuja obra de divulgação científica e cultural é das mais apreciáveis no seu género; é ainda o caso de Alberto Sampaio, o historiador das *Vilas de Portugal* e dos *Estudos Económicos*, cuja memória os seus conterrâneos honraram fundando um Museu a que puseram o seu nome, maravilhoso escriptorio de arte religiosa, que o turista visita com justificado interesse e admiração. A lista dos vimeanenses ilustres é grande de mais pelo que a citação dos seus nomes se torna dispensável. Guimarães não os esquece, como não esquece o seu passado, mas, consciente das suas responsabilidades, volta-se para o futuro, com o propósito decidido de dilatar os seus muros, tornar-se numa urbe formosa e atraente. E vai-o conseguindo aos poucos. A zona moderna da cidade é bela e magnífica. Para tanto, juntaram-se no mesmo esforço renovar as entidades oficiais, as forças vivas e a iniciativa particular — os homens bons, de iniciativa sempre pronta e de facultades de trabalho fecundas e inesgotáveis, empenhados, todos, em que Guimarães seja um empório comercial e industrial de primeira ordem, que fomenta, pelo trabalho das suas actividades, o bem-estar da população e o embelezamento e prestígio da Pátria de Afonso Henriques!

(Do Diário Popular).

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Albano M. Coelho de Lima — No próximo dia 29 passa o aniversário natalício do nosso querido amigo e importante industrial em Pevidém, sr. Albano M. Coelho de Lima, que possui apreciáveis qualidades de trabalho e de carácter, que o tornam merecedor da justa estima de que goza no nosso meio. Abracando-o, sinceramente, desejamos a continuação de suas maiores prosperidades.

Fizeram e fazem anos:

No dia 9, a menina Judite Herminia Dias Salgado, filha do nosso bom amigo sr. Francisco Salgado Formiga, de Urgeses; no dia 12, o nosso amigo sr. Joaquim Soares Araújo, de Urgeses; no dia 23, o nosso bom amigo sr. dr. Francisco Pereira Zagalo, Conservador do Registo Civil; no dia 24, os nossos prezados amigos srs. António Guise, Sebastião Teizzeira de Aguiar e Aelino Ferreira Meireles; no dia 25, as sr.^{as} D. Maria da Conceição Dias de Castro Fernandes Lobato e D. Maria da Piedade Carvalho Melo, e os nossos prezados amigos srs. J. Gualberto de Freitas, nosso camarada; Manuel Teixeira da Silva Martins e José Rodrigues, nossos solícitos correspondentes em Copas e em Campelos, respectivamente; no dia 27, os nossos prezados amigos srs. José Machado Teixeira e J. Diamantino de Sousa Santos; no dia 28, o nosso prezado amigo sr. João Gualdino Pereira; no dia 29, a sr.^a D. Maria da Glória Rocha dos Santos e os nossos prezados amigos srs. dr. Mário Dias Pinto de Castro, Francisco Vilarinho, de Lisboa, e Francisco Ribeiro de Faria, a menina Maria de Lourdes Ferreira de Magalhães, e o sr. José Manuel de Carvalho Melo; no dia 30, a sr.^a D. Clara Alves Machado, esposa do nosso bom amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 27, completa 71 risonhas primaveras o menino António Manuel, filho do nosso bom amigo sr. Paulo Plácido Pereira e de sua esposa. Muitos parabéns.

Comendador Albano Guise

Durante a sua estadia nesta cidade, o nosso prestigioso conterrâneo e amigo sr. Comendador Albano de Sousa Guise, foi cumprimentado por diversas pessoas, amigas e admiradoras e ainda pela Mãe da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, de cuja instituição é grande benemérito.

Casamento

No passado dia 15 de Setembro, no Mosteiro de S. Torcato, em Guimarães, realizou-se o casamento da sr.^a D. Ana de Guadalupe Barreto Campina, digníssima professora de Lavoros do Liceu, natural de Loulé, gentil filha do sr. Manuel Martins Campina e da sr.^a D. Agueda de Guadalupe Barreto Campina, residentes em Faro, com o sr. Damião Gonçalves Fernandes Braga, natural de Monção, filho do sr. Emílio Fernandes Braga e da sr.^a D. Umbelina do Paço Gonçalves.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, o sr. Arnaldo Alpoim de Menezes e sua esposa a sr.^a D. Modesta de Sá Alpoim de Menezes, residentes na cidade de Guimarães, e por parte do noivo, o sr. dr. Jorge da Costa Antunes, licenciado em Letras pela Universidade de Coimbra, e sua esposa, representada pela sr.^a D. Maria Amélia Nogueira Abreu, residentes em Guimarães.

Presidiu ao acto e celebrou a Missa «Pro Sponsis», no fim da qual dirigiu aos recém-casados uma adequada alocução, o rev. P.^o Analide Coelho Guerreiro, primo da noiva, que propositadamente se deslocou do Algarve.

Durante a cerimónia, esteve o órgão o digníssimo Professor de Canto Coral do Liceu, sr. Alberto Teixeira Douro.

Conduziu a taça das alianças, a menina Maria Gabriela Calado Rocha.

No fim da cerimónia foi servido um abundante almoço no Restaurante Júlio Martins.

Aos brindes usaram da palavra o Rev. P.^o Analide Coelho Guerreiro e os srs. dr. Jorge da Costa Antunes e dr. António Rodrigues Rocha.

Aos noivos, que seguiram em via-

gem de núpcias para o Alto Minho, desejamos as maiores felicidades.

Baptizado

Na quarta-feira passada baptizou-se, em Gonça, uma filhinha do sr. Alfredo Mendes Correia e de sua esposa a sr.^a D. Maria Odete de Almeida Ribeiro Correia.

Foram padrinhos a avó materna e o avô paterno, respectivamente, a sr.^a D. Maria da Madre-de-Deus Almeida Ribeiro e o nosso prezado amigo sr. Alfredo Correia.

A criancinha recebeu o nome de Maria Alberto.

Praias e Termas

Com sua esposa e simpática sobrinha, regressou da sua vivenda de Pedras Salgadas à sua Casa de Lisboa, o nosso querido amigo sr. dr. Nuno Simões.

Com sua esposa regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

A uso de águas tem estado na Curia a sr.^a D. Amélia Machado Teixeira.

Também se encontra na mesma Estância Termal, o nosso prezado amigo sr. Abel Machado Faria.

Encontram-se a veranejar em Leça da Palmeira, as famílias dos nossos bons amigos srs. João Saavedra e António C. Pinto de Madureira.

Com sua família tem estado a veranejar em Espinho, o nosso prezado amigo sr. José Jacinto de Carvalho.

Com sua família regressou do Furadouro a sua Casa de Vilarinho, o nosso prezado amigo sr. António Augusto Monteiro.

Encontra-se a uso de águas na Curia, o nosso prezado amigo sr. Manuel Alberto da Silva Lopes.

Encontra-se a veranejar na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Vitorino Teixeira.

Com sua família está na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Patrício de Castro Henriques.

Movimento Familiar

Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. António Mota Rebelo da Cruz, residente no Porto.

Também esteve com sua esposa nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Vasco Burmester Martins, residente na Foz do Douro.

Com sua família encontra-se em Olela (Arco de Baúlhe), o nosso prezado amigo sr. Mário de Barros Ferreira, Agente do Banco de Portugal em Mirandela.

Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso querido amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior, residente em Estarreja.

Partiu para as suas propriedades do Ermal, e teve a amabilidade de nos apresentar os seus cumprimentos de despedida, o nosso bom amigo sr. Eduardo Pereira da Cunha.

Com sua família encontra-se nesta cidade o nosso bom amigo sr. Gaspar da Silva Ribeiro Calisto.

Com sua família andou em viagem de recreio pelo país, o nosso prezado amigo sr. Jerónimo de Castro da Silva Guimarães.

Têm estado a veranejar nas propriedades de seu pai, em Moreira de Cónegos, com suas famílias, os nossos bons amigos srs. dr. Francisco Joaquim de Freitas Pereira e eng.^o António Joaquim de Freitas Pereira.

Tem estado em Gonça o nosso bom amigo sr. João A. da Silva Guimarães.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta cidade, o nosso bom amigo, sr. Albino Pereira Fernandes, de Fafe.

De Caidelas, onde se encontrava em tratamento, regressou a esta cidade, o nosso bom amigo sr. Jacinto Teixeira.

Arraial Minhoto nas Taipas

Na Piscina das Taipas, realizou-se no dia 14 à noite, um Arraial Minhoto, que ali reuniu numerosas famílias, tendo sido abrilhantado por uma orquestra e decorrido com bastante animação.

Tanto desta cidade, como de Braga e de outros pontos, reuniram-se ali muitas pessoas, tendo-se prolongado a interessante festa até de madrugada.

No «Notícias»

De passagem por esta cidade, tiveram a amabilidade de deixar-nos o seu cartão de cumprimentos, o que nos cumpre agradecer, o nosso prezado amigo e distinto Colaborador, sr. Domingos A. Ramos, e seu cunhado, o distinto professor sr. dr. António Fachada.

Regresso ao Brasil

Após a estadia de uns meses nesta cidade, regressa amanhã no vapor «Vera Cruz», ao Rio de Janeiro (Brasil), o nosso prezado amigo sr. Manuel Fernandes, que teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida, o que nos apraz agradecer, desejando-lhe feliz viagem e muitas prosperidades.

— Acompanhada de seus filhinhos regressa amanhã ao Brasil, tendo para tal fim partido na semana finda para Lisboa, a esposa do nosso bom amigo sr. Rodrigo de Freitas Mendes. Desejamos-lhe feliz viagem.

Enfermos

Na sua vivenda em Gomide (Pico de Regalados), onde se encontra a passar bem merecidas férias, esteve incomodado, o nosso querido amigo e distinto Colaborador sr. Professor Mário de Sousa Menezes, ilustre Provedor da Misericórdia, o qual foi visitado, há dias, por vários amigos e pelo pessoal da Secretaria da Misericórdia.

Tendo sido submetida a uma intervenção cirúrgica no Hospital da Misericórdia de Fafe, onde continua em tratamento, vai experimentando sensíveis melhoras, a esposa do nosso prezado amigo sr. Vicente Ferreira.

Têm experimentado sensíveis melhoras dos seus padecimentos, os nossos prezados amigos srs. José Jacinto Júnior, Augusto Pinto Lisboa e António de Sousa.

Encontra-se gravemente doente a esposa do sr. Martinho Azenha, continuando também bastante enfermo este nosso prezado amigo.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Joaquim Mendes Belo

Em Gouveia, faleceu o sr. Joaquim Mendes Belo, de 73 anos, Aspirante de Finanças, aposentado e Solicitador. Era casado com a sr.^a D. Maria da Paixão Veludo Viegas Mendes Belo; pai dos srs. drs. Júlio Frade Mendes Belo, médico em Angola, e Joaquim Veludo Mendes Belo, delegado do Procurador da República em Oliveira Hospital, e da sr.^a D. Maria Custódia Mendes Belo; irmão das sr.^{as} D. Maria do Patrocínio Mendes Belo e D. Isabel Mendes Belo, e cunhado dos srs. António Fernandes da Cunha, Desembargador dr. António Augusto da Silva Carneiro e Artur Viegas e das sr.^{as} D. Belmira e D. Izinda Viegas.

A toda a família dorida e de um modo especial ao nosso querido amigo sr. Desembargador dr. António Carneiro e a sua esposa, apresentamos sentidas condolências.

Vida Católica

Festividade em honra do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Rosário

Realiza-se hoje, na paróquia de Azurém, uma luzida festividade em honra do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora do Rosário, consistindo do seguinte programa:

Às 9,15, será organizada uma procissão na capela particular da residência do sr. Belmiro de Oliveira, em direcção à igreja do Hospital, onde será celebrada a Santa Missa, renovação das promessas do baptismo, profissão de Fé e comunhão Solene de crianças; às 12 horas, na igreja paroquial (Azurém), Missa Solene e, de tarde, pelas 16,30, exposição solene do Santíssimo, sermão na igreja do Hospital, seguindo-se a procissão em direcção à igreja paroquial, havendo à chegada ao largo fronteiro à igreja, uma apoteose a Nossa Senhora, seguindo-se a Bênção do Santíssimo Sacramento.

Novena em honra de S. Francisco de Assis

No templo da Venerável O. T. de S. Francisco, terá início na próxima quarta-feira, a novena em honra do seu padroeiro, pelas 7,30 horas, cuja festividade será anunciada oportunamente, a qual se vai realizar com todo o esplendor.

S. Miguel

A Irmandade das Almas, erecta na Basílica de S. Pedro, manda celebrar no próximo dia 29, pelas 10 horas, a missa estatutária em honra de S. Miguel, um dos Padroeiros das Almas do Purgatório, que será acompanhada a órgão e repiques de sinos.

Diversas Notícias

Queimada com um fogareiro

Quando Rosa dos Anjos de Castro Martins, casada, de 23 anos, moradora no Bairro do Castanheiro, preparava o pequeno almoço num fogareiro de petróleo, este explodiu e provocou-lhe graves queimaduras no peito e nos braços. A vítima recolheu ao hospital da Ordem de S. Francisco.

Carrocel Incendiado

Declarou-se incêndio, às 2 horas da manhã do dia 17 do corrente, num carrocel infantil, pertencente a Avelino Silva, que estava instalado no lugar do Alto da Bandeira, freguesia de S. Miguel de Creixomil. Parte do carrocel, que

não estava coberto pelo seguro, foi destruída pelo fogo, tendo a rápida intervenção dos bombeiros evitado que os prejuízos fossem totais.

Varanda que abate

Na rua da Madroa abateu uma varanda que arrastou consigo Maria da Conceição Oliveira (Rafinha), de 61 anos, que ali residia e que ficou bastante ferida na cabeça e contusões pelo corpo, tendo ficado internada no Hospital da Misericórdia em estado grave.

Desastre no trabalho

Quando trabalhavam numas obras em S. Pedro de Azurém, caíram de grande altura, ao procederem ao levantamento de um muro, José Pereira e Manuel Aníbal das Neves, casados, ambos da freguesia de Santa Maria de Souto, que tiveram de receber curativos no Hospital da Misericórdia.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural, Tef. 40184.

Escultor

António Azevedo

Por decreto de 20 de Julho, publicado no «Diário do Governo» 2.^a série n.^o 218 de 18 do corrente, foi agraciado, pela Chancelaria das Ordens Portuguesa com o grau de Oficial da ordem da Instrução Pública, o nosso prezado amigo e distinto escultor e Director da Escola Industrial e Comercial, sr. António Azevedo, a quem felicitamos.

Grave desastre de viação

Quando ante-ontem, pelas 11,30 horas, seguia para o seu trabalho, montado numa bicicleta, o operário Serafim Leite de Sousa, solteiro, de 22 anos de idade, natural de Vila Nova de Sande, ao entrar vertiginosamente na última curva, por sinal muito perigosa, descendo a fatídica rampa da Ponte, junto ao rio Ave, em Campelos, foi embater violentamente com a caminheta de carga M. N. 72-46, da firma Pereira & Leite, Suc.^{ta}, do Pevidém, conduzida pelo motorista Joaquim da Costa, casado, de 38 anos de idade, natural de Vizela, que seguia em sentido contrário.

Do embate resultou ficar muito ferido, no rosto e na cabeça, o ciclista, que conduzido imediatamente pelos Bombeiros V. de Guimarães ao Hospital da Misericórdia, ali foi socorrido, ficando internado, em consequência do seu estado inspirar cuidados.

A Polícia de Viação e Trânsito, que compareceu no local do desastre, tomou conta da ocorrência.

Teatro dos Caixeiros

Continuando na sua vida cultural, o «Teatro dos Caixeiros», conjunto artístico que tem obtido os melhores êxitos, vai brevemente realizar mais uma recita, dando já início aos respectivos trabalhos.

Do Concelho

Pevidém

Os Peditórios...

Não há domingo algum em que nesta terra não sejamos incomodados com os peditórios para os Santinhos da devoção daqueles que nos abordam para tal fim.

Quantas e quantas vezes e, ainda de manhã cedo, quando melhor sabe o descanso, somos acordados com batidelas (muitíssimas vezes alarmantes) na porta e quando aparecemos lá vem o costumado estribilho «Esmolinha», para o Santo ou Santinha da devoção do pedinte.

Por que será que estas pessoas, muitas das quais já são conhecidas nestas andanças, não prometem antes ao seu Santinho uma semana da sua féria, em vez de andarem com o Sacrificio (segundo dizem), de pedir aos outros?

Se, em lugar da comodidade de levar o dinheiro dos outros, que muitas vezes o dão para evitar aborrecimentos, prometessem umas voltinhas de joelhos, o deixar de beber vinho durante uma temporada, o desfazerem-se de um objecto de valor, o fazer por não falar mal evitando o palavrão, seria muito mais acertada do que andar a encomodar os ou-

tros que nada têm a ver com as promessas de cada um.

É um vício a que as autoridades religiosas deviam por termo e por assim pensar apelo para a autoridade religiosa local, para que faça todo possível para acabar com este vício que muitíssimas vezes se torna em abuso (conforme a pessoa, está claro).

Se aqueles que muitas vezes andam a pedir para mitigar a fome aos seus são proibidos e presos por o fazerem, mais acertada seria que estas sanções fossem aplicadas a aqueles que acima me refiro.

Se querem pedir porque prometeram, que o façam à porta da Igreja porque desta maneira não incomodam quem quer que seja.

C.

De Lordelo

Há já bastante tempo que vimos dando a nossa modesta contribuição a este jornal, não tendo outra pretensão que não seja servir e servir a terra que representamos, isto à falta de melhor correspondente, porque se aparecer quem deseje a «pasta», de boa vontade a entregamos.

E se nos entregamos a esta missão, que só não é compreendida por aqueles que nada fazem, foi porque vimos vaga uma lacuna que, nesse estado, muito prejudicaria a terra, se é que sabemos bem analisar o valor da Imprensa, no desenvolvimento das terras que serve e no qual ocupa lugar vital. Não só os desastres, os crimes, os falecimentos, os baptizados ou as festas, que deverão tornar-se conhecidas, mas também e acima de tudo o desenvolvimento progressivo e a propaganda. Esta freguesia não é tão pobre como alguém tenta fazê-la e há sobre ela muito que dizer.

Será aventureiro quem afirma que Lordelo é freguesia pequena e pouco abastada. Antes pelo contrário, se pode dizer que é uma freguesia progressiva e assada, graças a um bom punhado de Lordelenses, que tanto amam o seu torrão natal e o servem com arreigado baírrismo.

E sobre este assunto muito mais se poderia dizer, mas como «pouco acerta quem muito fala», preferimos ficar por aqui.

Festividade em honra do Santíssimo Sacramento e Comunhão Solene das Crianças

Vai realizar-se no próximo domingo, dia 29, a festividade religiosa em honra do Santíssimo Sacramento e na qual será integrada a Comunhão Solene, a um bom número de crianças de ambos os sexos.

Muitas pessoas andam empenhadas para que a mesma atinja o brilho de que costuma revestir-se, estando já assegurada a presença de duas afamadas bandas de música e será queimado muito fogo, a partir da próxima quinta-feira.

Futebol Clube de Lordelo

A nossa campanha continua a ser bem recebida, pelo que brevemente daremos algumas surpresas aos nossos leitores. — C.

Teatro Jordão

APRESENTA

1930, 15 e 16 e 17, 21, 22, 23

CINEMASCOPE

OS 18 ANOS

com Maria Allasio, António Telfe e Rina Morelli

Um filme cheio de mocidade.

Os dramas da juventude da nossa época. (Especiamente para maiores de 12 anos)

1930-PRIMA, 24 -- 17 e 21, 22, 23

O PRISIONEIRO

com Alec Guinness e Jack Hawkins

Acusado de alta traição contra o Estado, ele foi o prisioneiro Mártir de uma nação Mártir.

(Especiamente para maiores de 17 anos)

QUINTA-FEIRA, 25 -- 17 e 21, 22, 23

GAS-OIL

com Jean Gabin e Jeanne Moreaux

Um grande sucesso da série Negra.

A acção suscita interesse e provoca momentos emotivos.

(Especiamente para maiores de 17 anos)

1930-PRIMA, 28 -- 17 e 21, 22, 23

A RAINHA DOMAL

com Barbara Stanwyck

Mulher de paixões poderosas, lutava como um homem, cavalgava como um homem, mas, os seus olhos e a sua boca diziam que era uma Mulher.

(Especiamente para maiores de 17 anos) 458

VENDE-SE

Uma cadeira de barbeiro, estado novo, bom preço. Consultar Manuel da Silva Pires — Rua de Francisco Agra, n.^o 70. 448

PALAVRAS sem sentido

A eloquência dos intransigentes apóstolos da «libertação» de Goa não tem limites na sua pertinácia.

Periódicamente ouve-se a voz de determinadas individualidades, ciosas das suas responsabilidades oficiais, repetindo, até à saciedade, os mesmos argumentos estafados e vazios de significado jurídico.

Foi, precisamente, o que agora aconteceu com o Sr. Krishna Menon, ministro da Defesa da União Indiana.

Ao falar, perante um grupo de estudantes, em Mangalore, o referido estadista produziu afirmações, que não sendo originais, importa sempre registar.

«Os goeses podem contar com todo o nosso apoio excepto a acção militar. Não podemos comprometer os métodos que a União Indiana tem sempre defendido nas relações internacionais. Contudo, a nossa política em relação a Goa não é uma política passiva».

O Sr. Menon opinou ainda, deste jeito:

«Desejamos ardentemente libertar os nossos irmãos goeses mas utilizando as vias das negociações e da conciliação que se impõem aos países civilizados».

Isto significa que não há, no espírito dos meneurs indianos, a menor noção do valor rigoroso da palavra libertação.

Os portugueses de Goa são livres inteiramente, e não precisam nem querer conhecer outras liberdades que, noutros países, se pagam com o sangue, a tirania e a miséria.

Parece que os dirigentes responsáveis da União Indiana pretendem dar, à força, aos goeses, uma felicidade que estes não pretendem e, pelo contrário, repelem, bem vivamente.

Entretanto os ataques à soberania portuguesa continuam a ser moeda corrente, não deixando, em consequência, aos provocadores, a menor esperança de colaboração...

Foi assim, ainda há dias, quando um grupo de terroristas, vindos da União Indiana, abriu fogo contra o posto português de Gaudongrem, no concelho de Canácona.

A guarnição portuguesa ripostou ao fogo vigorosamente, mantendo os assaltantes a distância e não lhes permitindo atravessar o rio que separa o posto da faixa territorial da fronteira.

Como se vê, nem pelas palavras, nem pelos actos, é possível (e nunca o será) convencer os intrépidos goeses à doutrina da libertação, cada vez mais universalmente desacreditada.

PARA MELHORAMENTOS RURAIS

O Ministro das Obras Públicas, Sr. Eng.^o Arantes de Oliveira, concedeu pelo Fundo de Melhoramentos Rurais participações no total de 2.442.801\$00 destinadas a empreendimentos de interesse regional a executar em várias localidades do continente e ilhas.

TEATRO DOS ESTUDANTES

Regressou de Genebra o Teatro dos Estudantes, de Coimbra, que ali colaboraram na V Delfiada. No seu regresso, percorreram o levante espanhol, o Algarve e o Alentejo.

DESPORTO

A Maratona do Futebol Nacional

Vitória, 4 — Leões de Santarém, 0
Os vimeiraneses foram os únicos que venceram folgadoamente, na sua própria casa, em toda a Zona Norte

Ao contrário da primeira jornada, esta segunda da maratona já trouxe consigo algumas surpresas. Foram várias as equipas que obtiveram pontos nos campos dos seus adversários, que são aqueles ainda mais saborosos. Anotemos porém primeiramente os resultados da jornada:

Vitória, 4 - Leões, 0; Sanjoanense, 2 - Espinho, 3; Gil Vicente, 3 - Marinhense, 2; Vila Real, 2 - Covilhã, 2; Leixões, 1 - Boavista, 5; Vianense, 3 - Chaves, 3, e Tirsense, 1 - Peniche, 0.

Para nós, ou até para todos que seguem interessados o decorrer do torneio, o resultado de maior repercussão foi o amplo triunfo do Boavista em Matosinhos, contra uma equipa que, pelas aquisições feitas, demonstrara largas pretensões. Não quer dizer que já as tenha perdido, mas parece-nos que o seu começo de prova não foi dos mais agradáveis. De mencionar ainda o empate de Vila Real, imposto por uma equipa vinda da 3.ª Divisão a uma desceda da Maior. O triunfo do Espinho em S. João da Madeira merece reterência, mas entendemo-lo como habitual entre os dois contendores da mesma região, já nos parecendo de maior realce o empate do Chaves na Princesa do Lima.

Deste modo várias equipas conseguiram ir conquistar, onde se torna mais difícil, preciosos pontos, com influência futura na tabela classificativa. E' com estes pontos que se consegue no final da competição um lugar de evidência, que é sempre estimulativo para maior empreendimentos futuros.

Desafogadamente, no seu próprio terreno, só o Vitória triunfou. Isto nos diz que o seu encontro não lhe criou dificuldades e o triunfo lógico foi obtido sem apreensões, numa tarde em que o calor apertou deveras.

O Vitória não realizou exibição excepcional, rendendo até meenos do que aquilo que se previa, dado o realce que lhe deu a imprensa pela sua exibição em Peniche ou ainda por aquilo que os seus adeptos o viram fazer nos treinos de conjunto. Porém treinos são uma coisa e encontros oficiais coisa muito diferente.

Temos ainda de atender ao estado do terreno do Campo da Amorosa, que removido para melhor drenagem e regularização do seu piso, este ainda não ganhou total consistência, pelo motivo de a chuva, tão benéfica para estes casos, não ter caído no verão decorrente. Ora, uma equipa que pretende jogar a bola pelo chão, tem sempre maior dificuldade em impôr a sua capacidade, quando o terreno onde actua não lhe é totalmente propício. Ao contrário o seu adversário leva vantagem do que lhe vem pela necessidade que existe de, em tais circunstâncias, impôr lances de bola pelo ar.

O Vitória porém não teve qualquer dificuldade no seu jogo de domingo passado. Carregou no acelerador logo de início e marcou dois golos. Depois jogou descaçado até ao final da primeira parte, para novamente se impôr no início do segundo tempo com mais dois tentos e jogar o resto do encontro com o pensamento na grande quantidade de jogos que ainda tem de disputar até ao final do torneio.

Referências individuais poucas há para fazer, mas mesmo assim é lógico que se mencione Bártolo e Rola por aquilo que realizaram.

Ficha do jogo — Vitória: Silva, Costa e Abel; Virgílio, Silveira e Cesário; Bártolo, Romeu, Ernesto, Daniel e Rola. Leões: O. Martins, Rocha e Baptista; Adelino, Casselles e Jaime; Paixin, Romão, Wilson, Simões e Abalde. Arbitragem de Mário Garcia, de Aveiro.

Golos de Rola e Bártolo na primeira parte e de Rola novamente e Ernesto na segunda.

A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Chaves-Vitória; Sanjoanense-Gil Vicente; Covilhã-Leixões; Boavista-Vianense; Leões-Tirsense; Espinho-Peniche; Marinhense-Vila Real. O Vitória costuma realizar sempre boas exhibições no amplo campo de Chaves. Quer em jogos oficiais, quer ainda em encontros particulares os vimeiraneses têm obtido na linda cidade transmon-

tana resultados dos melhores para as suas cores. Esperamos por isso que desta vez novamente a equipa vimeiranesa traga consigo o triunfo que todos desejam, mas para isso é necessário não haver confiança excessiva, mas sim espírito de luta permanente e apoio constante da falange de adeptos que se deslocarem.

L. R.

Hoquei em Patins

Na próxima 6.ª-feira, dia 27, realiza-se na Amorosa o festival de homenagem aos Campeões do Minho

Aparentemente parada, a actividade do hoquei em patins vimeiranesa não deixa de estar em movimento. Como noticiámos, a equipa de hoquei do Vitória foi recentemente realizar um jogotreinamento a Paredes, tendo o clube daquela localidade dado ao encontro o carácter de jogo formal, mas mesmo assim os vimeiraneses triunfaram amplamente por 11-5, dando mostras da sua real capacidade.

Porém a actividade hoquista de Guimarães vai agora chamar novamente o interesse dos seus adeptos. Ainda esta semana, na próxima sexta-feira, realiza-se no Rink da Amorosa um festival da modalidade, que servirá para prestar homenagem à equipa vimeiranesa, brilhante vencedora do Campeonato do Minho. A este festival darão a sua colaboração as equipas barcelenses do Vitória, do Hoquei Clube e da Tebe, sendo disputado um torneio relâmpago, para o qual foi instituída a «Taça Comissão de Auxílio do Vitória». Num dos intervalos serão entregues medalhas aos hoquistas campeões e certamente também a Associação Regional fará a entrega da Taça aos Campeões do Minho.

Está previsto também para o próximo dia 2 de Outubro o festival de homenagem ao orientador do Vitória, Cunha Gonçalves. Haverá um jogo entre a equipa vimeiranesa e a do Futebol Clube do Porto e ainda a apresentação de duas equipas vimeiranesas constituídas por alunos da Escola de Patinagem do Vitória. Sendo Cunha Gonçalves um atleta que em rink dá sempre o maior do seu esforço na defesa das cores do nosso Clube, certamente vai obter com a sua festa os resultados que bem merece.

Também dentro em breve se iniciará a poule de apuramento para o Campeonato Nacional. O regulamento da prova é sensivelmente o mesmo da época passada. O Vitória, pela circunstância de ser Campeão Regional, está isento da primeira eliminatória, jogando na segunda contra o vencedor da eliminatória disputada entre o 7.º e o 9.º classificados do campeonato do Porto, que são o Sanjoanense e o Paço de Rei.

Columbophilismo

A Direcção da Sociedade Columbófila de Guimarães, avisa os seus associados e todos os não sócios possuidores de pombos correios, que terão de fazer entrega dos boletins de recenseamento de 1957, até ao dia 5 de Outubro próximo, encontrando-se para tal fim aberta a sede, todas as terças, quintas e sábados, das 10 às 12 horas.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

Conversando

com Ele...

Teve o êxito que prevíamos a publicação da nossa primeira conversa com Fernando Vaz. Nem outra coisa era de esperar, dado o interesse que a sua opinião desperta sempre entre os adeptos do Vitória. Hoje, aqui publicamos a segunda, com a certeza de que os nossos leitores a apreciarão do mesmo modo.

—? — Tínhamos razão quando, na semana passada, advertimos que muito havia ainda por fazer no tocante à estruturação e sistematização de jogo da nossa equipa de honra. Os nossos jogadores sabem bem que ainda é necessário muito trabalho e permanente aplicação para se alcançar esse desideratum.

—? — A máquina começou ainda os seus primeiros movimentos de rotação. Não deixamos sequer de referir a circunstância ponderosa de ainda termos fora da equipa dois jogadores de incontestável classe: Armando Barros e Mário Cívico. Por tudo isso não podíamos esperar que a exibição de domingo correspondesse já, em brilho e intenção de jogo, àquilo que os adeptos vimeiraneses esperavam, induzidos pela facilidade verificada nos treinos de conjunto, pois semelhante superioridade tem que ser vista através da escassa resistência das equipas treinadoras.

—? — Não podemos deixar de apontar todavia, como circunstância atenuante da fraca produção de jogo, no encontro da jornada passada, as condições do terreno do nosso campo. Na verdade, o arranjo operado na faixa central do rectângulo de jogos do Vitória não pôde ainda atingir a perfeição que seria de desejar, devido à grande estiagem que lhe tem roubado a água de que carece para ganhar consistência. Assim, os desníveis do piso em que os jogadores tiveram de actuar, influíram no rendimento técnico e até estratégico da equipa que dispõe de melhores valores individuais — a do Vitória.

—? — A impressão que mais me calou no encontro de domingo, foi um facto de ordem sentimental. No final do jogo, pelo hábito adquirido, quando da minha permanência no Vitória há dois anos, encaminhei-me na companhia do meu prezado amigo e Director, Eng.º Helder Rocha, para o local onde costumava reunir a tertúlia que, como se sabe, faz quartel general na Cervejaria Martins. E logo nos veio ao espírito e à lembrança a figura inconfundível do nosso saudoso amigo e grande vitoriano Dr. José Pinto Rodrigues, o verdadeiro pontífice daquela tertúlia, que me habituara a admirar pelo brilho e fluência da sua conversação e, acima de tudo, pelo seu acendrado amor às coisas do seu querido Vitória. E senti saudades sinceras desse verdadeiro milionário da inteligência, que quase pobre morreu, deixando-nos uma lembrança que nunca mais terá fim. Era Ele, porventura, aquele que mais sentia os triunfos ou as derrotas do Vitória. Que descanse na paz, que bem mereceu com sua vida.

O amor à Terra e à Grei
— eis o nosso lema.

TER O CABELO como há vinte anos

é ter menos velhice. E isto sem maçada. Basta usar todas as manhãs a

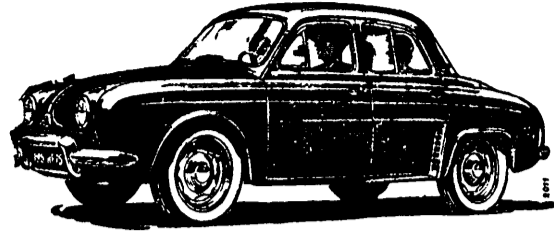
Loção MIN-HÓR

que em 10 ou 15 dias, sem ninguém perceber, faz voltar o cabelo à cor antiga. E' um regressivo.

Vende-se na

FARMÁCIA HÓRUS
GUIMARAES 190

RENAULT-DAUPHINE



VELOZ — RESISTENTE — ELEGANTE

O AUTOMÓVEL UTILITÁRIO DA ACTUALIDADE

4 portas — 5 lugares — 6,5 l./100 km. - 115 km./hora.

O máximo de segurança graças à sua estabilidade e travões incomparáveis.

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO E CONVENCER-SE-Á

Agente para o Distrito de Braga:

António Gomes da Costa

Telef. 4206 (Residência)

STAND EM GUIMARAES
Largo Navarros de Andrade

STAND EM BRAGA
Av. da Imaculada Conceição
Telef. 5745

A abrir brevemente
Abriu no dia 1 de Agosto 359

Câmara Municipal de Guimarães

ANÚNCIO

«Ampliação do cemitério da freguesia de São Cristóvão de Selho»

Às 15 horas do dia 3 de Outubro para a empreitada de ampliação do cemitério de São Cristóvão de Selho, conforme condições patentes na Repartição de Obras da Câmara e na Direcção de Urbanização do Distrito de Braga.

Base de licitação 96.600\$00

O depósito provisório no valor de 2.415\$00, deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos, mediante guias passadas pela Secretaria da Câmara até às 12 horas do dia do concurso.

Guimarães, 12 de Setembro de 1957.

O Presidente da Câmara Municipal,

José Maria Pereira de Castro Ferreira. 411

Ofertas e Procuras

Alunas do Liceu ou da Escola I. e Comercial

Aceitam-se, como pensionistas, em casa de absoluta confiança, garantindo-se o bom tratamento. Na nossa redacção se prestam esclarecimentos. 442

Passa-se Estabelecimento, em local muito central, Rua de S. Dâmaso, servindo para qualquer ramo de negócio.

Falar com António da Silva Castro — Rua Paio Galvão, n.º 15. 408

Propriedades e Terrenos

Para construção de prédios. Vende-se em Riba d'Ave e Moreira de Cónegos.

Falar com José Soares Leite — Lugar da Oliveira — Moreira de Cónegos — Guimarães. 427

Prédio Alaga-se devoluto, com garagem, na rua Dr. Bento Cardoso. Falar na rua de Santo António, 125 - A. 437

Fábrica de Curtumes Com alvará acondicionado, passa-se ou admite-se sócio, por motivo de doença. Esta Redacção informa. 438

Aluga-se Uma casa na Avenida Conde de Margaride, próximo do Mercado. Falar na Casa do Proposto. 440

EXPLICAÇÕES

Dá Senhora com o 2.º Ano de Medicina

a meninas e rapazes, de: 1.º e 2.º anos dos cursos liceal e comercial;

a meninas, de: 2.º Ciclo — Letras e Ciências; 3.º Ciclo — Ciências Naturais, Ciências Físico-Químicas e Matemática. 432

AVENIDA CÓNEGO GASPAR ESTAÇÃO, CASA R — 1.º. ESQ.º
GUIMARAES

Canetas de Tinta permanente

Completo sortido de todas as marcas e para todos os preços

Vendas a pronto e a prestações com bónus

CASA DAS NOVIDADES
RUA DA RAINHA Telef. 4550 GUIMARAES

CURTUMES

Vendemos o seguinte material usado, que pode ser visto em funcionamento:

1 Compressor completo — 1 Prensa com bomba hidráulica e seus pertences para escorrer peles — 1 Máquina de alisar «Corrector» — 1 Máquina de abrilhantar — 2 Contadores para água, marca «Aster» — 1 Bomba centrífuga com motor acoplado — 1 coluna em ferro fundido da máquina de escorrer — 2 Cabeços com 3 rolos cada da máquina de amaciar — 1 Bomba de relógio em metal — 1 Rolo e duas chumaceiras do cilindro da sola — Diversas peças de máquina de amaciar — 1 duplicador — 1 Câmara de ar.

Vendemos também testas e outros retalhos de couro em cabelo. Os interessados deverão escrever ao Apartado 118 — PORTO. 426

BOBINAGENS
J. MONTENEGRO TEL. 4510 Guimarães

CASA Vende-se na Rua de Val de Donas. Nesta Redacção se informa. 445

Hóspedes Senhora, de respeitabilidade, aceita em sua casa, em regime de pensão, professoras ou alunas do Ensino Liceal ou Técnico. Nesta redacção se informa. 444

Assinal o Notícias de Guimarães